



Ênio Grigio - Felipe Farret Brunhauser - Franciele Rocha de Oliveira - Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues - Taiane Anhanha Lima. (Orgs.)

Material organizado pelo Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria - GEPA UFSM

Organizadores: Ênio Grigio (Prof. Dr. IFFar Campus Júlio de Castilhos), Felipe Farret Brunhauser (Mestrando em História PPGH/UFRGS), Franciele Rocha de Oliveira (Doutoranda em História PPGH/UFSM), Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues (Graduando do curso de História/Licenciatura UFSM) e Taiane Anhanha Lima (Mestranda em História PPGH/UFSM).

Pesquisa de conteúdo:

Taiane Anhanha Lima (Mestranda em História PPGH/UFSM).

Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues (Graduando do curso de História/Licenciatura UFSM).

Franciele Rocha de Oliveira (Doutoranda em História PPGH/UFSM).

Ênio Grigio (Prof. Dr. IFFar Campus Júlio de Castilhos).

Elaboração de mapa:

Felipe Farret Brunhauser (Mestrando em História PPGH/UFRGS).

Luciele Rocha de Oliveira (Jornalista).

Revisão de conteúdo:

Franciele Rocha de Oliveira (Doutoranda em História PPGH/UFSM).

Ênio Grigio (Prof. Dr. IFFar Campus Júlio de Castilhos).

Luís Augusto Farinatti (Prof. Dr. UFSM).

Revisão de texto:

Halyne Maria Stefani do Porto (Mestra em Letras - Estudos Linguísticos PPGL/UFSM).

Editoração:

Luciano Nunes Viçosa de Souza (Doutorando em História PPGH/UFSM).

O68 Organizações negras de Santa Maria [recurso eletrônico] : primeiras associações dos séculos XIX e XX / Ênio Grigio ... [et al.] (orgs.). – Santa Maria, RS : GEPA UFSM, 2020.

1 e-book

ISBN: 978-65-00-04111-8

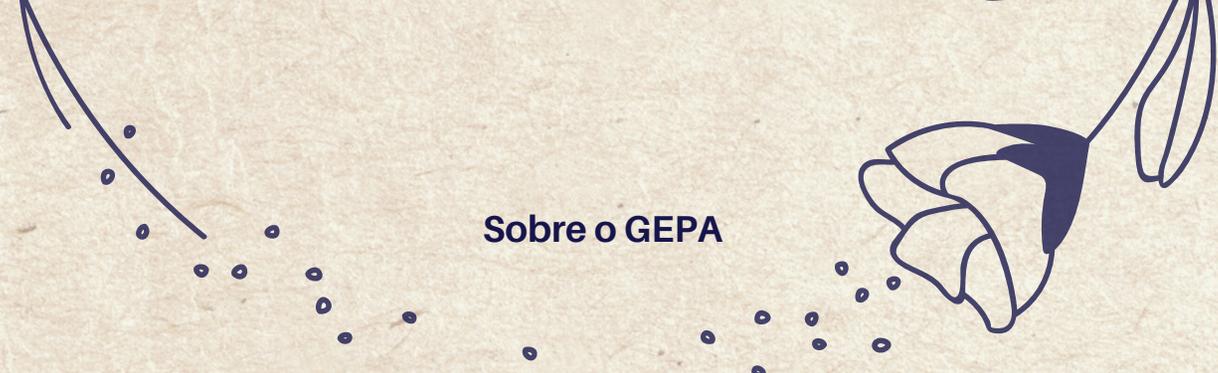
1. Associativismo negro – pós-abolição – Santa Maria, RS 2. Clubes sociais negros – Santa Maria, RS I. Grigio, Ênio II. Universidade Federal de Santa Maria. Grupo de Estudos sobre pós-Abolição

CDU 316.347(816.5=414)
397(816.5=414)

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

ISBN: 978-65-00-04111-8



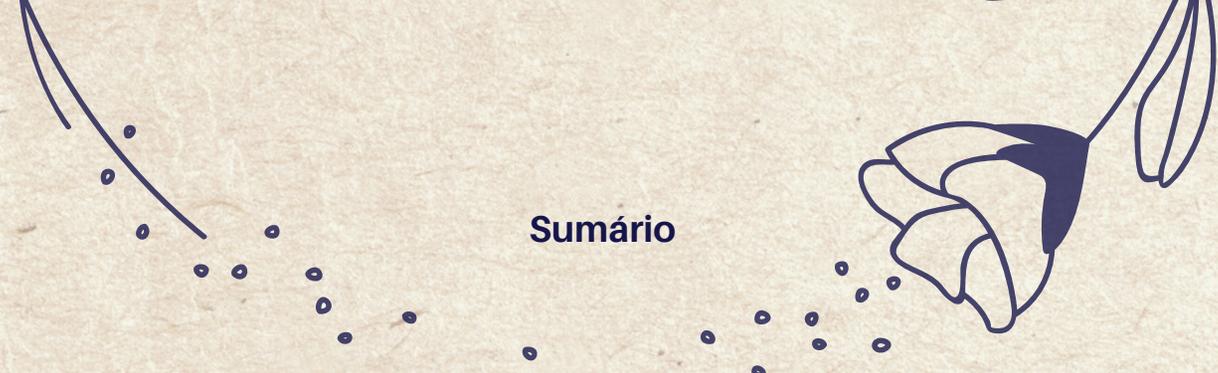


Sobre o GEPA

O Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA) foi criado em 24 de março de 2016 por estudantes de graduação e de pós-graduação em História da UFSM. Inspirado por referências da academia e por lideranças locais do Movimento Negro, como a Prof.^a Dr.^a Beatriz Loner (in memoriam) e Nei D'Ogum (in memoriam), o GEPA tem por objetivo refletir sobre o pós-Abolição para além de um período da história marcado pela instauração da Lei Áurea. O grupo entende o pós-Abolição como um campo de estudos e dedica-se a compreender as experiências das liberdades negras enquanto problemas históricos (conforme propõem Hebe Mattos e Ana Lugão Rios, 2004), abarcando, portanto, reflexões sobre as experiências em escravidão e liberdade, os protagonismos negros e as trajetórias negras.

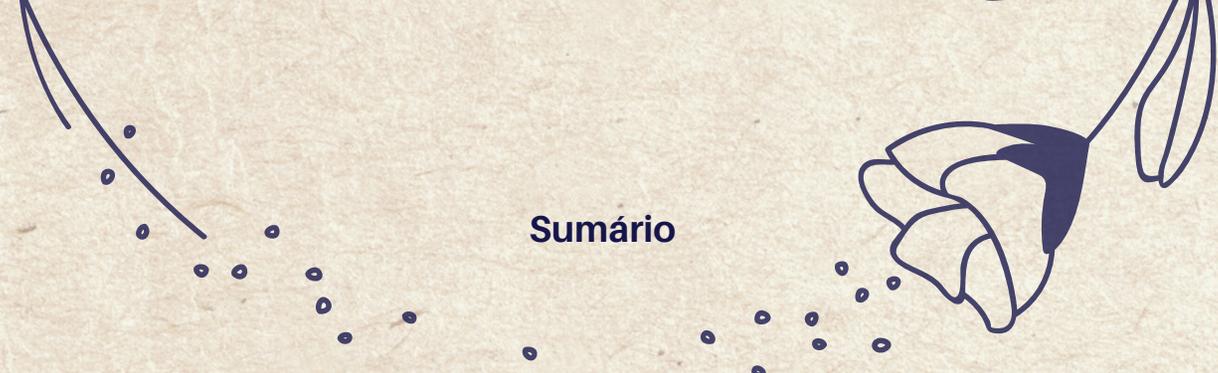
O grupo é coordenado pelo Prof. Dr. Luís Augusto Farinatti e registrado como um projeto de ensino, vinculado ao Centro de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Federal de Santa Maria. Em 2018, passou a integrar o Observatório de Direitos Humanos, ligado à Pró-Reitoria de Extensão (PRE/UFSM). Atualmente, o GEPA possui 24 membros, entre os quais há estudantes da graduação e de pós-graduação, técnico-administrativos e professores, cuja maioria são mulheres e ingressantes na universidade pelas cotas sociais ou raciais. O grupo também é composto por membros de outras instituições de ensino superior e de outras áreas para além da história.

O GEPA realiza reuniões para leitura e discussão de textos, minicursos, palestras e oficinas, além de proporcionar, abertos à comunidade geral, espaços de diálogo e formação com pesquisadores da área e com membros do Movimento Negro. Dedicar-se, também, a ações educacionais e de extensão, sendo criador da Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria. O GEPA mantém diálogo com o GT Emancipações e Pós-Abolição da ANPUH/RS (Associação Nacional de História/Rio Grande do Sul), levando seus membros a participarem dos Encontros Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional e do II Seminário Internacional Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico, organizado pelo GT Nacional Emancipações e Pós-Abolição, da ANPUH (Associação Nacional de História).



Sumário

Prefácio	6
Maria Rita Py Dutra	
Palavra dos organizadores	8
Mapa das Organizações Negras de Santa Maria	14
Anexo do Mapa - Nossas ruas hoje	15
Irmandade do Rosário	16
União Familiar	17
Sociedade da Rosa	18
Sociedade Cravo e Rosa	19
Sociedade Treze de Maio	20
Sociedade Rosa Branca	21
Centro Etiópico Monteiro Lopes	22
União Santamariense	23
Sociedade 28 de Setembro	24
Club FootBall 7 de Setembro	25
Sociedade 77777	26
Sociedade Esmeralda	27
Grupo dos Artistas	28
Sport Club Rio Branco	29
Sociedade Floresta Aurora	30
Sociedade Floresta	31
Rancho O Succo	32
Recreio da Mocidade	33



Sumário

Os Cardeais	34
Thesouras	35
União Beneficente ou União Social	36
Bloco da Juventude	37
Renascença	38
Elite	39
O Rebate	40
O Succo	41
O Vaqueano	42
União	43
O Tigre	44
A Voz do 13	45
Referências Bibliográficas	46
Atividades sugeridas: planos de aula, reflexões e propostas	49
Alicia Quinhones Medeiros	
Gabrielle de Souza Oliveira	
Guilherme Vargas Pedroso	
Helen da Silva Silveira	
Jéssica da Silva	
Luigi Bertoldo Squio	
Nara Medianeira Ilha Rodrigues	
Posfácio	62
Ênio Grigio	
Dos autores	64



Prefácio

Peço licença às mais velhas e aos mais velhos e evoco Maria, a Mãe Preta, Pai João da Mão Pelada e os irmãos gêmeos Adão e Antônio arrolados como fundadores da Irmandade do Rosário, para abençoarem os autores desta obra, assim como seus leitores.

Contradizendo a história, a presente obra, *Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações dos séculos XIX e XX*, vem comprovar que, já na época do Brasil Império, negras e negros moradores deste chão, conhecido como “Coração do Rio Grande”, resistiam e, por diversos objetivos, organizavam-se em associações, seja em clubes sociais, clubes de futebol, sociedades carnavalescas, sociedades políticas, irmandades religiosas ou jornais.

Escrever este prefácio é motivo de imensa alegria, pois parece que foi ontem que chegaram, ao Museu Treze de Maio (MTM), os primeiros acadêmicos do curso de História, da Universidade Federal de Santa Maria, para complementarem seus estudos e experienciarem o cotidiano de criação de um museu comunitário. Por alguns anos, estabeleceu-se uma relação auspiciosa entre o museu e a universidade, sob orientação da Direção Técnica do MTM e de docentes da UFSM. Foi um período de intensa sementeira, em terra fértil. Reencontro, hoje, pessoas daquele período, comprometidas com a construção de um mundo novo e que, na academia, dão continuidade ao trabalho de pesquisa para compreenderem as liberdades negras, as marcas deixadas pela escravidão, o protagonismo e a trajetória de homens e mulheres negros, ocultados pelo véu da história oficial.

No Brasil, a negação da presença e do protagonismo negro permanece, pois os descendentes dos antigos senhores de escravos continuam ocupando cargos no poder executivo, frequentando as casas legislativas e vestindo preto nos espaços do poder judiciário, numa tentativa de permanente reprodução das relações de dominação. Graças a iniciativas como esta, do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição (GEPA), o que estava oculto é revelado, e Santa Maria passa a conhecer dezenas de associações negras criadas, desde o século XIX, para o fortalecimento social dos seus pares e para o combate ao racismo.

A metodologia de pesquisa empregada - com informações sobre a fundação, as lideranças que atuaram como fundadores, os locais de reuniões, as fontes de referências e os mapas de onde algumas dessas organizações se localizavam - contribui para que este livro seja utilizado de forma sistemática pelos professores. O livro pode funcionar tanto como fonte de pesquisa quanto como manual, pois há ricas propostas para experiências no campo de produção de conhecimento, como exercícios de localização espacial, construção de maquetes, traçados de mapas ou produções textuais.

Por fim, evoco os versos finais da canção "O mestre-sala dos mares", de Aldir Blanc e João Bosco, que saúdam o navegante negro, cujo monumento são as pedras pisadas do cais. Compartilho a ideia de que as primeiras associações negras de Santa Maria foram monumentos da memória da população afro-brasileira e de que suas marcas podem ser encontradas nas ruas e nas calçadas da cidade.

Desejo a todas e todos uma boa leitura e um bom trabalho!

"Glórias a todas as lutas inglórias
Que através da nossa história
Não esquecemos jamais
Salve o navegante negro
Que tem por monumento
As pedras pisadas do cais."

Prof.^a Dr.^a Maria Rita Py Dutra.

Maria Rita Py Dutra.
Foto: Dartanhan Figueiredo.



Maria foi Rainha do Clube União Familiar. Foto de seu Acervo. Oliveira (2016, p. 108).

Palavra dos organizadores

Maio de 2020. Em tempos de pandemia do novo coronavírus (covid-19), que tem levado a uma maior mortalidade da população negra em diversos países, nós, estudiosos da escravidão e da liberdade no Brasil, somos levados a refletir, novamente, no interior de nossas casas, em quarentena, sobre mais um aniversário da Abolição da escravatura no Brasil, sobre as experiências, os significados e os sentidos das liberdades no pós-Abolição, o que muitos passaram a considerar, em outras palavras, vivências de uma liberdade falha e incompleta deste Brasil que carrega a mácula de ser o último país das Américas a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888.

No atual mundo das *lives* (transmissão *online* ao vivo), em que nossa produção intelectual, formativa e reflexiva também tem se dado por meio das redes sociais, optamos por começar a apresentação deste material com a fala da Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Magalhães Pinto (UNB). Essa fala foi realizada em uma *live*, transmitida pela plataforma do *Instagram* no dia 12 de maio de 2020, no perfil da *Revista Almanack* (Revista sediada pela UNIFESP), em razão dos 132 anos da Abolição no Brasil. Nessa transmissão, a historiadora disse:

Sabe qual é o grande problema? (...) a gente joga muito com a chave de uma dicotomia, que desumaniza o lado das pessoas negras da história brasileira. Se fixa como única possibilidade a escravidão e esses vários nomes que compõem esse repertório da liberdade, eles não pisam o chão da história, quando a gente pensa sobre esse passado. E aí os estudos sobre a liberdade geram uma espécie de exercício cognitivo, de uma reorganização cognitiva para que a gente chame essas pessoas a estarem ali e não de uma maneira isolada, não como uma exceção absoluta, que, portanto, não diz nada. A gente começa a perceber que existe uma frequência muito maior... Esses números, passam a ter rosto, passam a ter nome, passam a ter família, e aí a gente vai então percebendo que houve um esforço de afirmação de existência, que, certamente, garante a essas pessoas a condição de sujeito histórico¹.

Tomamos as palavras da professora Ana Flávia para demonstrarmos exatamente o que estamos propondo neste texto. Então, questionamos você, leitora ou leitor, como fez a professora: o que você sabe sobre a população negra livre ou em liberdade em Santa Maria/RS? Se sua resposta foi "nada", esperamos que este material possa mudar isso, que ele possa lhe apresentar, em parte, o que foram as complexas e diversas experiências negras em liberdade no coração do Rio Grande do Sul. Que ele possa tornar visível os rostos dessas pessoas, que permita conhecer os nomes e os sobrenomes daqueles e daquelas cujas vivências não podem e não devem ser resumidas à violência da escravização, sujeitos cujas histórias também são de resistências, criatividade, conhecimentos, saberes, culturas organizativas, associativas e políticas. Protagonistas da história que lutaram pelas suas liberdades e a de seus iguais, que comemoraram de suas maneiras quando a liberdade jurídica institucionalizada se fez (ainda que incompleta e ainda que tardia) e que seguiram lutando para que seus direitos e cidadania pudessem, de fato, existir.

Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX nasceu como um trabalho coletivo, com o objetivo de produzir um material objetivo, gratuito e digital com o mapeamento das organizações negras sobre as quais temos conhecimento na cidade, sobretudo nas décadas que sucedem o pós-Abolição em Santa Maria. Desde sua primeira versão deste livro até sua realização, outros pesquisadores foram se somando e, rapidamente, percebemos que o material poderia render mais informações do que se imaginou em um primeiro momento. O resultado é um livro paradidático, que possibilite aos leitores e às leitoras um panorama da presença negra na história da cidade, além de formas de trabalhar esse conhecimento com filhos, pais, avós e alunos. O resultado deste trabalho foi o levantamento de 30 organizações que estiveram em funcionamento entre os anos de 1873 e 1965. Tais organizações vão desde irmandades religiosas, clubes sociais e carnavalescos, clubes de futebol até a imprensa negra.

Compreendemos que este trabalho é constante e que houve outras organizações na cidade, as quais serão localizadas futuramente – assim esperamos. Como resultado, mostramos que as organizações negras eram múltiplas, heterogêneas e polifônicas, mas que elas também atuaram em certo compasso, unidas em projetos de valorização de sua raça e de sua classe e de ascensão social de seus protagonistas. Não entraram em nosso mapeamento as escolas de samba, as quais merecem estudos específicos e aprofundados, mas que, sem sombra de dúvidas, também foram inspiradas pelo trabalho dessas primeiras sociedades apresentadas neste material, como é o caso da famosa Vila Brasil, a primeira escola de samba da cidade, fundada em 1959.

Quanto aos critérios adotados para a elaboração deste material, destacamos que são fruto de anos de pesquisa e reunião de fontes diversas, como recortes de jornais, livros de atas de algumas dessas organizações, fotografias, entrevistas partindo da metodologia da história-oral e da pesquisa bibliográfica, assim como outras fontes e vestígios², as quais permitiram a identificação de associações negras na cidade. Essas associações se configuram enquanto tais por serem idealizadas e gestadas por negros e negras, a fim de atender aos interesses das comunidades negras. Tratam-se, portanto, de sociedades que se autorreconheciam enquanto organizações negras, que levantavam as pautas e as demandas da população negra que fora escravizada e seus descendentes. Ademais, essas organizações eram reconhecidas por outros enquanto sociedades de pessoas “de cor”. Muitas dessas sociedades tinham estatutos próprios, eram criadas em função da exclusão vivenciada e em alusão às datas de comemorações da liberdade, como o 13 de maio e o 28 de setembro. Essas sociedades defendiam a igualdade racial, denunciavam o racismo vivido e lutavam pelo acesso à cidadania e a direitos. Elas também foram localizadas a partir da identificação de seus fundadores e diretores, além de serem reconhecidas através de outras entidades negras, que as intitulavam como irmãs, coirmãs, colegas, trocando-se, não raras vezes, elogios e convites.

Este livro se divide em duas partes. Na primeira, apresentamos um mapa da cidade nos primeiros anos do século XX. O objetivo é ilustrar a localização de algumas das organizações presentes no livro, das quais possuímos registros de seus endereços e dos seus anos de fundação ou funcionamento. Nessa primeira parte, também nos concentramos em apresentar essas organizações ao leitor, que poderá conhecer um pouco mais sobre as 30 organizações negras de Santa Maria. Reunimos informações como fundação (data e seu histórico), local (quando conseguimos localizar o endereço em suas fontes), fundadores (nomes), fontes e referências (em qual lugar encontramos informações sobre a organização e quais trabalhos já o citaram) e algumas imagens ilustrativas quando possível. Na segunda parte do livro, são sugeridas algumas atividades ligadas ao conteúdo do livro, as quais podem ser realizadas em qualquer âmbito do ensino: em locais formais, informais ou para além de espaços educacionais.

As organizações contempladas nesse livro foram descobertas por caminhos diversos. Parte delas estão presentes em pesquisas históricas sobre Santa Maria que se dedicaram ao estudo das populações negras na cidade. Outras constam em registros encontrados em nossas próprias pesquisas. Entendemos que esta obra é um convite para novos leitores, interessados pela história do município, pela história do pós-Abolição ou em suas próprias origens, conhecerem um pouco mais desse passado.

Encerrando nossas *primeiras palavras*, citamos as reflexões propostas pelo Prof. Me. Jonatas Roque Ribeiro em sua *live* no *Instagram*, realizada no dia 13 de maio de 2020, no perfil “historiadorxsnegrxs”. Em sua fala, denominada “Associativismo negro em Minas Gerais”³, ele comenta sobre a atuação de diversas trajetórias na luta abolicionista, as quais são ligadas a muitas organizações negras, como irmandades negras, sociedades abolicionistas e emancipacionistas, imprensa abolicionista, imprensa negra, associações operárias e beneficentes e clubes culturais.

Ao elaborar este livro no mês de maio, pretendemos reforçar a data do 13 de maio como um momento de reflexão sobre a Abolição da escravidão, mostrando a participação das pessoas negras no seu processo.

O professor Jonatas afirma que essa data foi

...quase que exclusivamente, lembrada e comemorada por vários grupos da população negra, principalmente aqueles associados em clubes e associações negras. Foi muito comum encontrar, na imprensa da época, notícias sobre o 13 de maio sendo comemorado e, principalmente, relembrado por essas pessoas. E não só 13 de maio, como também as outras datas abolicionistas (no caso o 28 de setembro de 1871 e 28 de setembro de 1885)⁴.

Através da sua fala, nós podemos perceber a agência e o protagonismo de negros e negras nos movimentos abolicionistas e na construção do 13 de maio, que não foi uma dádiva branca, mas fruto da luta, da resistência e da conquista do povo preto no Brasil. Assim como foram protagonistas e agentes dessa e de outras datas importantes, negros e negras também construíram seus próprios espaços de organizações em todo país.

É importante atentarmos para o significado que o mês de maio possui para a cidade: em 17 de maio de 1858, a freguesia de Santa Maria é elevada à categoria de Vila e, em 7 de maio de 1878, foi criada a comarca de Santa Maria. Para além de uma história política e da memorização de datas, sabemos que comemorações como o aniversário de 162 anos de Santa Maria (fato que acontece em paralelo à elaboração deste livro) desperta uma disputa de narrativas, espaços e representatividade de determinados grupos sociais na história da cidade em detrimento de outros. Qual é o imaginário social construído acerca de Santa Maria? A pergunta é fácil de ser respondida, pois muito do que se sabe a respeito da história local está baseado em relatos de memorialistas, muitos dos quais pintaram a cidade como branca, exaltaram o fator da imigração europeia e negligenciaram a presença da população negra.

Onde estavam os negros e as negras de Santa Maria? É em meio a esse embate de narrativas, caros leitores, que esta obra se insere. A população negra esteve presente desde o início do povoamento da região: seja na experiência da escravidão, na formulação de estratégias de sobrevivência em meio à liberdade precária vivenciada ou na construção da liberdade e da cidadania (processo que foi finalizado?).

Os negros e as negras da cidade estavam se organizando desde os fins do século XIX em irmandades religiosas, clubes sociais e carnavalescos, times de futebol, associações políticas e através da imprensa negra, que fazia ecoar as vozes que, por muito tempo, foram aprisionadas. Esperamos que todos e todas apreciem este material, que ele possa inspirar, ensinar e instigar diversas reflexões sobre essas organizações negras tão plurais, que também construíram a cidade de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul.

Prof. Felipe Farret Brunhauser.

Prof.^a Ma. Franciele Rocha de Oliveira.

Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues.

Prof.^a Taiane Anhanha Lima.

Notas

¹ Palestra *online* (modo *live* da plataforma Instagram) apresentada por Ana Flávia Magalhães Pinto, para a Revista Almanack, em 12 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CAHEPm5J9Nm/>> Último acesso em 15 de maio de 2020.

² Entre os acervos e arquivos consultados estão: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, Casa de Memória Edmundo Cardoso, Acervo do Arquivo do Museu Treze de Maio, Acervo da Cultura Afro Brasileira, Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira e Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

³ Palestra *online* (modo *live* da plataforma Instagram) apresentada por Jonatas Roque Ribeiro, para o perfil “historiadorxsnegrxs”, em 13 de maio de 2020.

⁴ Em 28 de setembro de 1871 foi assinada a Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco que, entre outros artigos, libertava filhos(as) de escravizadas nascidos(as) a partir daquela data. Em 28 de setembro de 1885 foi assinada a Lei dos Sexagenários ou Saraiva-Cotegipe, que garantia liberdade a todos os escravizados acima dos 60 anos de idade.



LOCALIZAÇÃO NÃO ENCONTRADA:

- CENTRO ETIÓPICO MONTEIRO LOPES (1909)
- RENASCENÇA
- SOCIEDADE DA ROSA (1897)
- SOCIEDADE UNIÃO SANTAMARIENSE (1910)
- 28 DE SETEMBRO (1913)
- SOCIEDADE RECREATIVA FLORESTA AURORA (1920)
- SOCIEDADE FLORESTA (1922)
- THESOURAS (1932)
- SPORT CLUB RIO BRANCO (1920)
- JORNAL O REBATE (1919)
- JORNAL O SUCCO (1921)
- JORNAL O VAQUEANO (1932)
- JORNAL O TIGRE
- JORNAL A VOZ DO 13 (1965)
- JORNAL UNIÃO (1932)

MAPA: FELIPE FARRET BRUNHAUSER E LUCIELE OLIVEIRA
 ORGANIZAÇÃO: GRUPO DE ESTUDOS SOBRE PÓS-ABOLIÇÃO (GEPA UFSM)
 REVISÃO: ÊNIO GRIGIO
 FONTES: PLANTA DE SANTA MARIA DE 1902 E PESQUISAS HISTORIOGRÁFICAS

Anexo do Mapa
Nossas ruas hoje



Conheça agora as diferentes nomenclaturas, que as ruas de Santa Maria/RS tiveram no passado e os nomes que possuem atualmente. Com essas informações, você pode localizar ainda melhor onde existiram as organizações negras da cidade, locais onde realizavam suas atividades, reuniões, bailes e festas, comemorações, atividades políticas e culturais.

Nome da rua no passado	Nome da rua no presente
Rua dos Guararapes, Rua 24 de Maio ou 24 de Mayo.	Rua Silva Jardim.
Travessa Germânica, Rua Barão do Triumpho.	Rua Barão do Triunfo.
Rua Tuiuty.	Rua Tuiuti.
Rua Barão de Porto Alegre.	Rua Conde de Porto Alegre.
Rua Dois de Dezembro ou Does de Dezembro.	Rua José Bonifácio.
Rua São Paulo, Rua 7 de Setembro.	Rua do Acampamento.
Rua Pacífica, Rua do Comércio*.	Rua Dr. Bozzano.
Avenida do Progresso*.	Avenida Rio Branco.

Fonte: Algumas das informações foram extraídas de Elisabeth Weber Medeiros (2017, p. 217 - 218).

*Informações extras.

Irmandade do Rosário

Fundação

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, depois tornada Sociedade Beneficente Irmandade do Rosário, teve sua origem por volta de 1873, tendo sido posteriormente dissolvida. No entanto, ela foi reorganizada no pós-Abolição, com registros de atuação a partir de 1889. Além das práticas religiosas, dos festejos e veneração à Nossa Senhora do Rosário, seus membros empenharam-se na construção de uma capela e sonhavam em organizar um hospital e uma escola, a fim de atender os seus irmãos e lhes oferecer socorro.

Fundadores

A Irmandade foi construída por pessoas escravizadas, libertas e seus descendentes. Entre os primeiros nomes estavam Maria (Mãe Preta), Pai João da Mão Pelada e os gêmeos Adão e Antônio. Entre os principais nomes ligados à Irmandade do Rosário e mais recorrentes em suas fontes estavam Joaquim Francisco de Araújo, Raphael José da Silva, Epiphany Felipe de Souza, José Francisco do Nascimento, Ovidio Vicente do Prado, Pedro Valença, Ananias Barboza, Gervázio Merenciano, Osório Nunes, Innocência Guilherme Dias, Manoel Francisco Guedes, Sisannde Antonio de Oliveira, Ignacio Martins Garcia, Saturno de Almeida Falcão, Firmino José Vidal, Jacintho Cezar de Souza e Paulino Antônio dos Santos.

Local

Situada junto ao local do antigo Cemitério Santa Cruz, na Rua 24 de Maio, no Bairro Vila Rica. Seus terrenos foram conseguidos por meio de abaixo-assinado e doações. Atual Igreja Nossa Senhora do Rosário, Rua Silva Jardim e Rua do Rosário, Bairro Rosário.

Fontes e referências

Toda trajetória desta organização e suas fontes encontram-se em Ênio Grigio (2016; 2018).

Rua 24 de Maio e a Capela de Nossa Senhora do Rosário (à direita), em 1914.
Fonte: Ênio Grigio (2016, p. 181).



União Familiar



Foto de Antonio Candido Thomaz, matriculado no Livro de Matrículas de Boleeiros, Chauffeurs e Carroceiros. Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 82, Tomo 495; Caixa 83, Tomo 499. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, encontrado por Ênio Grigio.

Fundação

O Clube União Familiar foi fundado em 1896, cuja data oficial de fundação é 10 de maio de 1896. O Clube promovia festas, bailes, concursos de beleza, entre outras ações, articulando sua comunidade, que era formada por trabalhadores negros e suas famílias.

Local

O clube ficava localizado na Rua Barão do Triunfo, n. 855, na antiga Vila Operária Brasil (atual Bairro Bonfim). Estima-se que sua sede tenha ficado pronta por volta de 1917. Até hoje, o prédio se mantém na Rua Barão do Triunfo, n. 855.

link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/810>

Fontes e referências

A história do Clube União Familiar e suas fontes podem ser acompanhadas em Franciele Rocha de Oliveira (2016; 2019). Informações sobre o União Familiar também podem ser encontradas em: Giane Vargas Escobar (2010; 2017) e Ênio Grigio (2016; 2018). Fonte: Jornal *A Liberdade*, 29 de agosto de 1920. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno II, n. 50, p.4. Acervo da Cultura Afro Brasileira. A notícia foi encontrada pelo historiador Tiago Silva. link: encurtador.com.br/cenV9

Fundadores

Apesar de o clube ser do século XIX, a diretoria mais antiga a qual se teve acesso foi a dos anos 1920 e 1921. Entre os membros, estavam: Antonio Candido Thomaz (presidente), Victalino Alves (vice-presidente), Alarico Nicomede Rodrigues (tesoureiro), João Pedro Flores (secretário), Antonio Leopoldino (1º fiscal), Laudelino Feliciano (2º secretário), José da Silva Pereira (orador), Raphael Brusque (procurador). Bernardino Pereira, João Rodrigues dos Santos e Dinarte dos Santos eram diretores. Esta diretoria foi localizada no jornal *A Liberdade*, de 29 de agosto de 1920, órgão da imprensa negra de Bagé.

Membros do União Familiar. Fonte: Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Franciele Oliveira (2016, p. 72).

Músicos no União Familiar. Fonte: Acervo particular de Jussara Cardoso. Cópia cedida a Franciele Oliveira em 2016.



Sociedade da Rosa

Fundação

Em 1897, também existiu, em Santa Maria, a Sociedade da Rosa, localizada por meio de notícias do jornal *O Combatente*, conforme ilustrado abaixo. Assim como o Clube União Familiar, a Sociedade da Rosa foi classificada como uma "Sociedade de homens de cor", tendo realizado festejos que percorriam as ruas da cidade, com banda musical.

Local

Não sabemos a localização de sua sede.

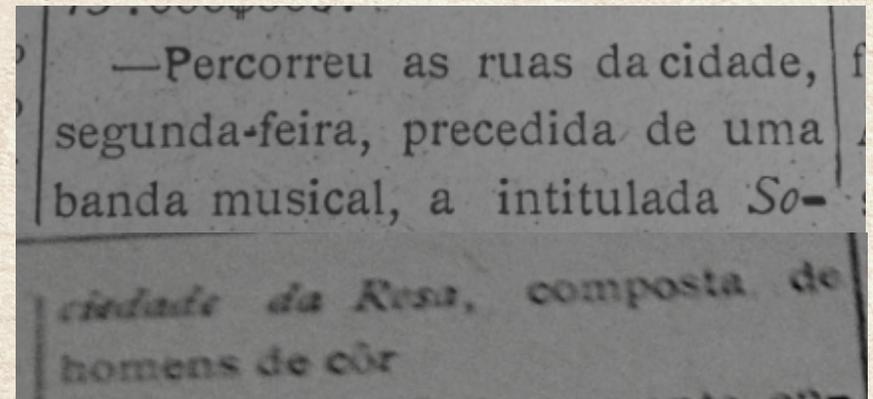
Fundadores

Não encontramos os nomes de seus fundadores. Foram descritos apenas como "homens de cor".

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017) e Ênio Grigio (2016; 2018). Fonte: *O Combatente*. 18 de abril de 1897. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ano XI, n.16. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.

Fonte: Jornal *O Combatente*. 18 de abril de 1897. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ano XI, n.16. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.



Sociedade Cravo e Rosa

Local

A primeira partida (reunião festiva) da Sociedade Cravo e Rosa se deu em 13 de maio de 1898; portanto, quando se completava 10 anos da Abolição da escravidão no Brasil. Foi realizada na Rua do Acampamento, n. 84, atual região central da cidade.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Ênio Grigio (2016; 2018).

Fonte: *O Estado*. 16 de abril de 1898. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Encontrado por Ênio Grigio.

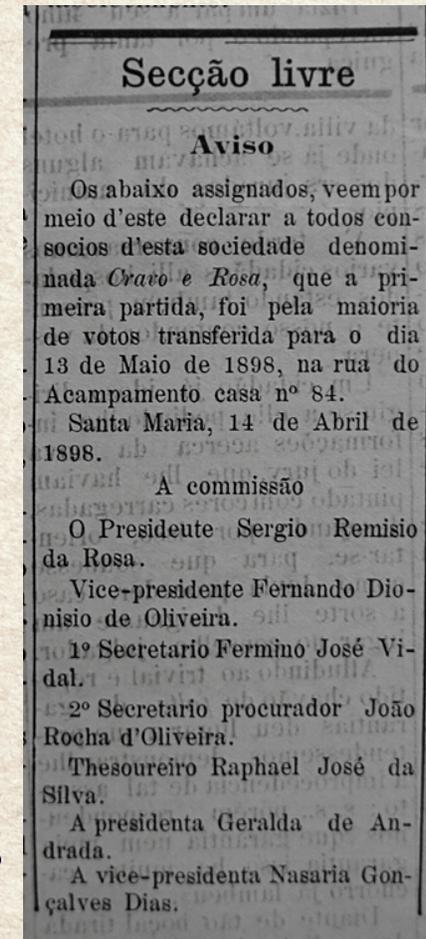
Fundação

Em 1898, também foi fundada, em Santa Maria, a Sociedade Cravo e Rosa, localizada por meio de notícias do jornal *O Estado*, conforme ilustrado ao lado. Como outros clubes sociais negros, a Sociedade da Rosa tinha uma diretoria constituída e realizava festejos que percorriam as ruas da cidade.

Fundadores

Em 1898, a diretoria da Sociedade Cravo e Rosa era constituída por: Sergio Remisio da Rosa (presidente), Fernando Dionisio de Oliveira (vice-presidente), Firmino José Vidal (1º secretário), João Rocha de Oliveira (2º secretário procurador), Raphael José da Silva (tesoureiro), Geralda de Andrada (presidenta) e Nasaria Gonçalves Dias (vice-presidenta).

Fonte: *Jornal O Estado*. 16 de abril de 1898. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Encontrado por Ênio Grigio.



Sociedade Treze de Maio

Fundação

A fim de comemorar a Abolição da escravidão no Brasil, 47 cidadãos fundaram a Sociedade Treze de Maio, no dia 13 de maio de 1903. Entidade fundada por ex-escravizados, por nascidos a partir da Lei do Ventre Livre e seus descendentes. Este Clube realizou atividades diversas, possuindo, inclusive, um time de futebol próprio, biblioteca e sede campestre.

Local

Inicialmente, a Sociedade Treze de Maio realizava suas atividades nas casas de seus membros. A 1ª reunião ocorreu na casa de Sisnande Antônio de Oliveira (Rua 24 de Maio, Bairro Vila Rica, atual R. Silva Jardim, Bairro Rosário). Houve reuniões na casa de José Fontoura (também no Bairro Vila Rica), de Marcílio de Oliveira, de Ignacio Rocha e de Domingas Almeida (também na R. 24 de Maio). Em 1906, os sócios decidiram comprar o terreno de Paulino Knackfuss (Rua 24 de Maio). Até hoje, o prédio se mantém na Rua Silva Jardim, n. 1405, Bairro Rosário, como Museu Treze de Maio.

Fundadores

A primeira diretoria provisória era composta por: José Fontoura (presidente), Manoel Pereira de Moura (vice-presidente), Osório Nunes do Nascimento (1º secretário), José Alves Texeira (secretário), Ovidio Vicente do Prado (orador), Sisnande Antonio de Oliveira (tesoureiro). Tude da Silva foi orador na fundação.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Giane Vargas Escobar (2010; 2017), Ênio Grigio (2016; 2018) e Franciele Rocha de Oliveira (2017). Fontes: Acervo do Arquivo do Museu Treze de Maio. Sociedade Treze de Maio. Livro de Atas n.1, 1903-1914. Santa Maria. Transcrição paleográfica realizada por Augusto Britto. Documento cedido por Giane Vargas Escobar e Ênio Grigio. *Jornal O Exemplo*, 22 de maio de 1904. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno II, nº 15, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira.

link: <http://memoria.bn.br/docreader/810207/54>

Festa dos 50 anos da Sociedade Treze de Maio, 1953.

Fonte: Acervo particular de Maria Domingues (Mariazinha).
Giane Vargas Escobar (2010, p. 114).



Time de Futebol da Sociedade Treze de Maio, 1953. Fonte: Acervo fotográfico do Museu Treze de Maio. Giane Vargas Escobar (2017, p. 311).



Sociedade Rosa Branca



Fonte: Jornal *Correio da Serra*. 26 de fevereiro de 1926, Ano IX, n.2677, p.3. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.

Fundação

Encontramos referência sobre a existência da Sociedade Rosa Branca no ano de 1904. Em 13 de maio desse ano, participou dos festejos de comemoração de Abolição da escravidão promovidos pela Sociedade Treze de Maio, indicando, portanto, que eram sociedades coirmãs, com objetivos semelhantes. Nos anos 1920 esta Sociedade também aparece descrita na imprensa como “Club da Rosa Branca”, designada como “nóvel sociedade”, fundada há pouco tempo, “recém nascida” e estreante do Carnaval. Assim, acreditamos que a mesma tenha reaparecido anos depois, voltando-se, principalmente, ao Carnaval, executando canções e marchas.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Ênio Grigio (2016; 2018).

Fontes: Acervo do Arquivo do Museu Treze de Maio. Sociedade Treze de Maio. Livro de Atas n.1, 1903-1914. Santa Maria. Transcrição paleográfica realizada por Augusto Britto. Documento cedido por Giane Vargas Escobar e Ênio Grigio.

Jornal *Correio da Serra* (16/2/1927; 22/2/1927; 24/2/1927; 26/2/1927; 27/2/1927 e 3/3/1927). Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede. Entretanto, encontramos que a Sociedade Rosa Branca participava dos festejos da Sociedade Treze de Maio em 1904. Ademais, em 1926 e 1927, a Sociedade Rosa Branca, descrita como uma sociedade dançante, realizou um baile na sede do Clube União Familiar.

Fundadores

Em 1904, encontramos o nome de Eduardo Rodrigues como orador desta Sociedade.

Em 1927 este clube convidou a Sr^a. Elvira Mello, gerente do jornal *Correio da Serra*, para madrinha de seu estandarte. Elvira e Arnaldo Mello eram padrinhos desta da Sociedade.

Nota explicativa

Existe a possibilidade da Sociedade Rosa Branca (1904) ter sido recriada ou reformulada em 1926, com mesmo nome, agora voltada ao Carnaval ou ainda tratar-se de uma Sociedade diferente, homônima. Isto porque as fontes dos anos 1920 mencionam “Rosa Branca” (1926), “Club da Rosa Branca” e “Sociedade Rosa Branca” (1927) como “nóvel sociedade”, fundada há pouco tempo, “recém nascida” e estreante do Carnaval.

Faltam-nos elementos para afirmar que trata-se de sociedades distintas e homônimas, apesar das fontes em períodos espaços, por isso consideramos como a mesma Sociedade reformulada e a apresentamos em artigo único.

Centro Etiópico Monteiro Lopes

Fundação

O Centro Etiópico Monteiro Lopes foi uma organização política criada em 1909, em Santa Maria, como uma das diversas associações do país em apoio à diplomação parlamentar do deputado negro Monteiro Lopes. Encontramos referências de sua existência em Carolina Vianna Dantas (2010), que estudou as mobilizações políticas de ex-escravos e seus descendentes pela eleição de Monteiro Lopes para deputado federal.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fundadores

Não localizamos o nome de seus participantes e fundadores, mas sabemos que esta organização reunia cerca de 350 associados.

Fonte: *A Opinião Pública*, 07 de abril de 1909.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Carolina Vianna Dantas (2010) e Petrônio Domingues (2013).

Fonte: *Jornal A Opinião Pública*, 07 de abril de 1909.



Monteiro Lopes s/d.
Fonte: Petrônio Domingues (2013).

União Santamariense

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017).

Fonte: Acervo do Arquivo do Museu Treze de Maio. Sociedade Treze de Maio. Livro de Atas n.1, 1903-1914. Santa Maria. Transcrição paleográfica realizada por Augusto Britto. Documento cedido por Giane Vargas Escobar e Ênio Grigio.

Fundação

Em 24 de abril de 1910, foi fundada, em Santa Maria, a Sociedade União Santamariense, localizada por meio das atas da Sociedade Treze de Maio, indicando que eram organizações próximas, e, possivelmente, com finalidades semelhantes. É designada como uma Sociedade Recreativa.

Fundadores

Em 1910, a 1ª diretoria da Sociedade União Santamariense era constituída por: Ignacio Rocha (presidente), Emiliano Eduardo Campos (vice-presidente), Augusto de Araujo Silva (1º secretário), Seg [?] da Silva (nome não identificado), Juvino Alves (orador) e [?] de Oliveira (tesoureiro, nome não identificado).

Sociedade 28 de Setembro

Fundação

Em 21 de agosto de 1913, foi fundada a Sociedade 28 de Setembro, cuja finalidade era memorar "a obra generosa do imortal Rio Brasil", como podemos ver na fonte abaixo. Portanto, seus membros criaram esta sociedade em alusão a Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro de 1871, a qual ficou especialmente conhecida por tornar livre os nascidos de mães cativas a partir daquela data, ainda que fossem obrigados a trabalhar até os 21 anos sob o regime de tutelas. Faziam parte da diretoria da Sociedade 28 de Setembro pessoas que também pertenceram à Sociedade Treze de Maio.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

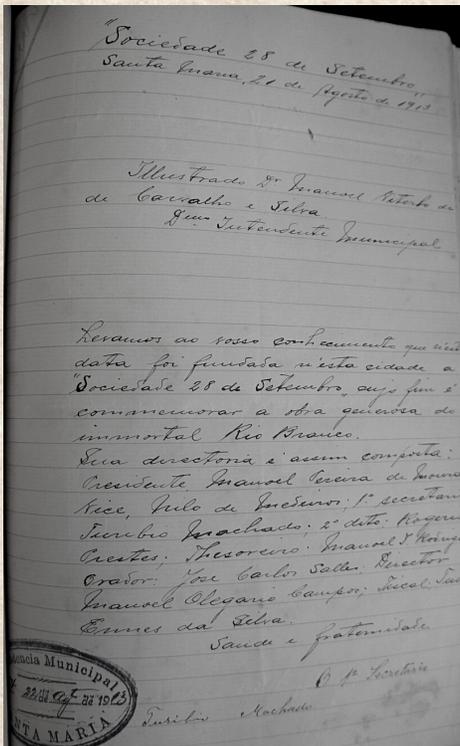
Fundadores

A primeira diretoria era composta por: Manoel Pereira de Moura (presidente), Nilo de Medeiros (vice-presidente), Turibio Machado (1º secretário), Rogerio Prestes (2º secretário), Manoel I. Rodrigues (tesoureiro), José Carlos Salles (orador), Manoel Olegario Campos (diretor) e Tude Ennes da Silva (fiscal).

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade foram localizadas pelo historiador Ênio Grigio.

Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 20, Tomo 104; Caixa 18, Tomo 28. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, encontrado por Ênio Grigio.



Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 20, Tomo 104. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, encontrado por Ênio Grigio.

Referamos ao vosso conhecimento que nesta data foi fundada n'esta cidade a "Sociedade 28 de Setembro", cujo fim é comemorar a obra generosa do imortal Rio Branco.

Sua directoria é assim composta:

Presidente Manuel Pereira de Moura,
Vice, Nilo de Medeiros; 1.º secretario
Turibio Machado; 2.º dito, Rogerio
Prestes; Tesoureiro, Manoel I. Rodrigues
Orador, José Carlos Salles; Director
Manoel Olegario Campos; Fiscal, Tude
Ennes da Silva.

Saudes e fraternidade



Foto de Manoel Ignacio Rodrigues, matriculados no Livro de Matrículas de Boleiros, Chauffeurs e Carroceiros. Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 82, Tomo 495; Caixa 83, Tomo 499. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, encontrado por Ênio Grigio.

Club Foot-ball 7 de setembro

Fundação

Em 1916, foi fundado o Club Foot-Ball 7 de Setembro. Localizamos uma notícia, com a data de 17 de setembro de 1916, que fala sobre fundação. A notícia é do jornal *O Exemplo*, órgão da Imprensa Negra de Porto Alegre.

Local

O Club Foot Ball 7 de Setembro foi fundado por diversos cavalheiros, em um prédio localizado na Rua José Bonifácio.



7 de Setembro. Fonte: Album Ilustrado da cidade de Santa Maria. Santa Maria: Casa Aurora. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. Foto cedida por Felipe Brunhauser Farret em 17/10/2019.

Fonte: Jornal *O Exemplo*, 17 de setembro de 1916. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno I, nº 36, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira.

link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/246>

Fundadores

Em 1916, sua diretoria era composta por: João Rodrigues dos Santos (presidente), Pedro da Silva Maia (vice-presidente), Honorio José do Prado (1º secretário), Justiniano Rodrigues (2º secretário), Gonçalo Bueno (1º tesoureiro), Catarino Machado (2º tesoureiro), Dorival Rosa (1º captain), Pedro Gloria (2º Captain), Olegario Pereira (Guarda-sport) e Olegario Campos (orador).

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017). Atualmente, esta organização é estudada pela historiadora Taiane Anhanha Lima. Fonte: *O Exemplo*, 17 de setembro de 1916. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno I, nº 36, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira.

EM SANTA MARIA—Escrevem-nos dessa localidade :
Domingo ultimo, á tarde, reunidos diversos cavalheiros no prédio á rua José Bonifácio, foi fundada o «Club Foot-Ball 7 de Setembro».
 Presidiu a sessão o sr. Gonçalo Bueno.
 Procedida a eleição da diretoria, esta ficou assim composta :
Presidente, João Rodrigues dos Santos ; vice, Pedro da Silva Maia ; 1º, secretario, Honorio José do Prado ; 2º dito, Justiniano Rodrigues ; 1º, thesoureiro, Gonçalo Bueno ; 2º dito, Catalino Machado ; 1º captain, Dorival Rosa ; 2º dito, Pedro Gloria ; guarda-sport, Bernardino Pereira ; orador, Olegario Campos.
 Após á eleição fez uso da palavra o sr. Olegario Campos que, congratulando-se com os presentes pela fundação do novo club e conceitua a mocidade a cultivar o foot-ball.
 O nosso amigo e representante áli, sr. Honorio do Prado foi escolhido 1º secretario da nova agremiação.

Sociedade 7777

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade Carnavalesca 77777 que datam de 1919. Tais informações revelam que, em 10 de agosto de 1918, esta organização já realizava reuniões. Encontramos esta Sociedade Carnavalesca nas páginas do jornal *O Exemplo*, órgão da Imprensa Negra de Porto Alegre, em edição de 1919. Esta Sociedade também era chamada na imprensa por "Club 5 Sete", "Cinco Sete", "5 7" pelos anos de 1920 e era famosa pelos bailes de Carnaval que promovia.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede. Mas realizava bailes no "Recreio Familiar", de acordo com o jornal *Correio da Serra*, de 18 de fevereiro de 1926. Acreditamos que suas festas se davam, portanto, nos salões do Clube União Familiar, situado na Rua Barão do Triunfo, antiga Vila Operária Brasil, atual Bairro Bonfim.

Fonte: Jornal *O Exemplo*, 1 de junho de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 22, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.
link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/768>

Fundadores

Em 1919, sua diretoria era composta por: José M. Cezimbra (presidente) e Senhorinha Zeze Pessoa. Pedro Maria (vice-presidente), José Francisco do Nascimento Filho (1º secretário), João Gabriel Maia (2º secretário), Mathias Bastos (1º tesoureiro), Rogerio Peres (2º tesoureiro), Vivaldino Ambrosio (orador) e João Bastos (procurador). O conselho fiscal era formado por: Alfredo Mario, Jovino Silva e José Olegario Pires. Tinha Eva de Moraes como sócia benemerita Mercedes Maia como oradora do grupo feminino.

Fontes e referências

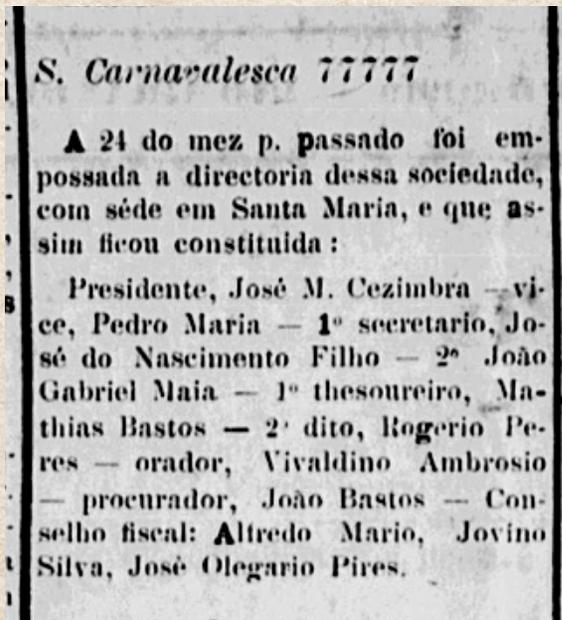
Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017).

Fontes: Jornal *O Exemplo*, 1 de junho de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 22, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.

Jornal *O Exemplo*, 24 de agosto de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 34, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.

Jornal *Correio da Serra* (3/2/1925; 11/2/1925; 13/2/1925; 26/2/1925 e 18/2/1926). Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.

link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/810>



Sociedade Esmeralda

Após a posse da nova diretoria, que será dirigida pelo sr. José Cezimbra e senhorinha Zezé Pessoa, pronunciaram vibrantes discursos o sr. Vivaldino Ambrosio, orador oficial, saudando a diretoria; senhorinha Mercedes Maia, inteligente oradora do grupo feminino da sociedade e representante das sociedades «Esmeralda» e «13 de Maio».

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade Esmeralda que datam de 1919. A Sociedade participou de festividades junto a outras organizações negras em 27 de maio daquele ano. Encontramos esta Sociedade nas páginas do jornal *O Exemplo*, órgão da Imprensa Negra de Porto Alegre. Em 10 de fevereiro de 1920, esta Sociedade também intitulada "Club Carnavalesco Esmeralda Santamariense" enviou pedido de licença à Intendência Municipal. Através desta fonte, descobrimos que seu objetivo era "proporcionar aos seus associados reuniões dançantes e diversos outros folguedos carnavalescos".

Local

O Club Carnavalesco Esmeralda Santamariense ficava situado na Rua Marechal Deodoro.

Fonte: Jornal *O Exemplo*, 1 de junho de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 22, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.
link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/768>

Fundadores

Em 10 de fevereiro de 1920 o presidente da Sociedade Esmeralda era João L. Pinto. Em 1919, sua oradora foi Mercedes Maia, também ligada a outras organizações negras.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017).

Fontes: Jornal *O Exemplo*, 1 de junho de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 22, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Fundo da Intendência Municipal, Caixa 45, Tomo 262, encontrado por Ênio Grigio. Jornal *Correio da Serra*, 26 de fevereiro de 1925. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VIII, nº 2035, p.4. Encontrado por Ênio Grigio.

Grupo dos Artistas

Fundação

Localizamos informações sobre o Grupo dos Artistas por meio de uma notícia publicada no jornal *O Exemplo*, órgão da imprensa negra de Porto Alegre, em 1919. A notícia, de 4 de abril de 1919, relatava que o Grupo dos Artistas era uma "sociedade dançante", que gozava de alta apreciação. Na notícia, o Grupo informava sobre uma partida (reunião festiva) que realizaria no dia 12 de abril daquele ano, nos salões da Sociedade União Familiar.

Local

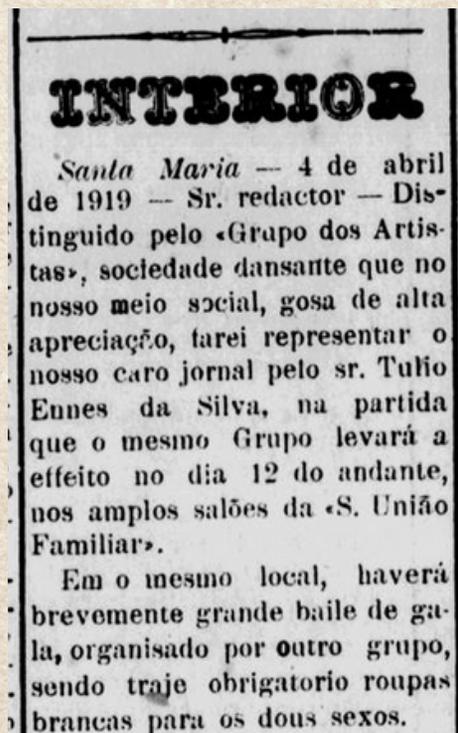
Não localizamos o endereço de sua sede, mas nossas fontes mostram que o Grupo dos Artistas realizava bailes nas dependências do Clube União Familiar, na Rua Barão do Triunfo, antiga Vila Operária Brasil, atual Bairro Bonfim.

Fundadores

Não localizamos o nome de seus participantes, diretores e fundadores. No entanto, nossa fonte menciona o Sr. Tude Ennes da Silva como representante do Grupo dos Artistas na partida, o qual também era membro de outras organizações negras.

Fontes e referências

Fonte: Jornal *O Exemplo*, 13 de abril de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 15, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.



Fonte: Jornal *O Exemplo*, 13 de abril de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 15, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira. link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/744>

Sport Club Rio Branco

Fundação

Encontramos informações sobre o Sport Club Rio Branco que datam de 22 de novembro de 1920, momento em que sua 1ª equipe vai à cidade de Júlio de Castilhos para a disputa de um match, noticiada nas páginas do jornal *A Liberdade*, órgão da Imprensa Negra de Bagé.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017) e José Antônio dos Santos (2011; 2018). Atualmente, esta organização é estudada pela historiadora Taiane Anhanha Lima.

Fontes: Jornal *O Succo*. 13 de julho de 1924. Anno III, nº 59. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Fotografado por Franciele Rocha de Oliveira em 29/10/2015.

Jornal *A Liberdade*, 28 de novembro de 1920. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno II, nº 70, p. 2. Acervo da Cultura Afro Brasileira.

Fundadores

O Sport Club Rio Branco era formado por seus jogadores, diretoria, torcedores e torcedoras. Em 1920, contava com o trabalho de José Pereira e José Nascimento Filho. Entre seus oradores e oradora estavam: Olegário Cruz, Manoel Dorwal de Oliveira e Cecília Martins. Arthur Adalberto Vieira era tido como "Baluarte", e José Pereira e José do Nascimento Filho eram jogadores.

SANTA MARIA

Como tinhamos uoticiado, se-
guio a 22 do corrente, para Ju-
lio de Castilhos, a primeira equi-
pe do Sport Club Rio Branco,
que ali foi disputar um amistoso
match com o Castilhense Foot
B. Clnb, daquela localidade.

O match que realizou-se no dia
25, deu o resultado de 1 a 1.

Essa missão, que foi chefiada
pelos srs. José Pereira e José
do N. Filho, regressou no dia 23
trazendo as mais bellas impres-
sões, pelas gent lezas que lhes
foram dispensadas pelos soci s e
torcedoras daquele club.

Aqui a missão foi recebida na
gare da Estrada de Ferro, pelas
torcedoras e demais socios, sen-
do ao desembarcar coberta de flo-
res



Cecília Martins, oradora do Rio Branco e Francisco de Assis Elias Marques. Fonte: Acervo particular de Marcos Aurélio Marques. Franciele Oliveira (2016, p. 82).

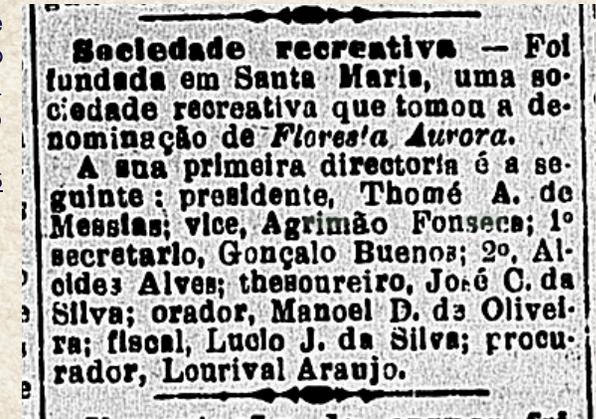
Fonte: Jornal *A Liberdade*, 28 de novembro de 1920. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno II, nº 70, p. 2. Acervo da Cultura Afro Brasileira.

link: encurtador.com.br/ilqrL

Sociedade Floresta Aurora

Fonte: Jornal *A Federação*, 21 de fevereiro de 1920. Porto Alegre, Rio Grande do Sul Anno XXXVII, n. 44, p. 8. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Luiz Fernando Rodrigues.

link: <http://memoria.bn.br/DocReader/388653/43245>



Fundação

A Sociedade Floresta Aurora foi fundada em 1920. Designada como uma sociedade recreativa, teve sua fundação informada pelo jornal *A Federação*, em 21 de fevereiro de 1920. Acreditamos que seu nome seja em função de outra organização negra de Porto Alegre, chamada Floresta Aurora, considerada um dos primeiros Clubes Sociais Negros do país, fundada em 1872.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fundadores

A Sociedade Floresta Aurora teve sua 1ª diretoria formada por: Thomé Alves de Messias (presidente), Agrimão Fonseca (vice-presidente), Gonçalo Bueno (1º secretário), Alcides Alves (2º secretário), José C. da Silva (tesoureiro), Manoel D. de Oliveira (orador), Lúcio J. da Silva (fiscal) e Lourival de Araujo (procurador).

Fontes e referências

Fonte: Jornal *A Federação*, 21 de fevereiro de 1920. Porto Alegre, Rio Grande do Sul Anno XXXVII, n. 44, p. 8. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Luiz Fernando Rodrigues.



Foto de Lucio José da Silva (esquerda) e Manoel D. de Oliveira (direita), matriculados no Livro de Matrículas de Boleiros, Chauffeurs e Carroceiros. Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 82, Tomo 495; Caixa 83, Tomo 499. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, encontrado por Ênio Grigio. Franciele Oliveira (2017, p. 308).

Sociedade Floresta

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade Floresta que datam de 1922, em ocasião das comemorações do centenário da independência do Brasil na cidade. Designada como uma sociedade de "homens de cor", assim como a Sociedade União Familiar, teve sua fundação informada pelo jornal *A Federação*, em 19 de agosto de 1922.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fundadores

Não localizamos o nome de seus participantes, diretores e fundadores.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017).

Fonte: *Jornal A Federação*, 19 de agosto de 1922. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno XXXIX, n.193, p. 1-2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Oliveira.

EM SANTA MARIA

Além das festas já anunciadas e que serão realizadas em Santa Maria, por ocasião da passagem do Centenario da Independencia, foram, com o mesmo fim, organizados mais os seguintes numeros:

As sociedades sportivas levarão a effeito uma grande parada, realizando após em um dos theatros locais, uma sessão patriótica, da qual será orador o dr. João Bonumá.

A congregação methodista, que

está construindo um alteroso edificio, inaugural-o-á no dia 7 de setembro com uma sessão civica, em que serão cantados o hymno nacional seguindo-se uma conferencia, na qual falará o dr. Walter Jobim, e as sociedades de homens de cor "Floresta" e "União Familiar", conjuntamente, promoverão uma sessão civica e conferencia.

Para todas estas solennidades, reina grande entusiasmo.

Nota explicativa

Existe a possibilidade da Sociedade Floresta (1922) referir-se a Sociedade Floresta Aurora (1920), tendo sua nomenclatura abreviada pelo jornal da época (fonte citada). Faltamos elementos, porém, para afirmar que trata-se da mesma Sociedade, por isso apresentamos estas em artigos separados.

Fonte: *Jornal A Federação*, 19 de agosto de 1922. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno XXXIX, n.193, p. 1-2. Hemeroteca Digital Brasileira. Encontrado por Franciele Oliveira.
link: <http://memoria.bn.br/DocReader/388653/49212>

S.C. Rancho O Succo

Fundação

A Sociedade Carnavalesca Rancho O Succo teria sido fundada por volta de 1923. Designada como uma Sociedade Carnavalesca, realizava diversos bailes, mas ficou muito reconhecida pela promoção de desfiles de Carnaval de Rua, quando tomavam as ruas da cidade com suas fantasias alvi-verdes, lanternas, canções, estandartes, fantasias e rainhas. Foi vencedora do Carnaval em 1924, 1925 e 1926.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede, mas a Sociedade Carnavalesca Rancho O Succo realizava bailes nas dependências do Clube União Familiar, na Rua Barão do Triunfo, antiga Vila Operária Brasil, atual Bairro Bonfim.



Antão Marques e Maria Terezinha de Jesus Marques, filhos de Cecília Martins, vestidos para o carnaval na Vila Operária Brasil. Franciele Oliveira (2016, p. 94).

Fundadores

Em 1926 o Rancho O Succo era dirigido por Cecília Martins Marques e Vivaldino Ambrozio. Em 1935, a Sociedade Carnavalesca Rancho O Succo teve como presidentes Cecília Martins Marques e Silvestre de Freitas. Em 1938, de acordo com o Guia Ilustrado Comercial Municipal, o presidente era João Gabriel Maia e Presidente naquele ano, o sr. Octacílio Correia, segundo João Flores (1996). Fontes orais mencionam que Lupicínio Rodrigues morou na Vila Operária Brasil e foi participante do Rancho. O próprio compositor mencionou, em 1963, que sua música foi executada pelo Rancho Succo nos anos 1930.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Oliveira (2016; 2017) e João Flores (1996). Fontes: *Jornal O Succo*. 15 de março de 1932. Anno XI, nº 171. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014. *Jornal A Razão* (3/1/1935; 28/02/1935; 2/03 a 12/03/1935; 12/01 a 31/01/1937; 02/02 a 11/02/1937). Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira. Guia Ilustrado, Comercial, industrial e profissional de Santa Maria. Santa Maria: Editora Guias Ilustrados Municipais - E. G. I. M, 1938. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. *Jornal Última Hora*, Porto Alegre. Crônica "Hoje vou falar de mim", escrita por Lupicínio Rodrigues, 20 de junho de 1963. Sobre Lupicínio Rodrigues em Santa Maria ver Cherlise Pires (2015). *Correio da Serra* (3/2/1925; 11/2/1925; 26/2/1925; 12/2/1926; 18/2/1926; 16/2/1927; 22/2/1927; 24/2/1927; 27/2/1927 e 3/3/1927). Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.



Rancho O Succo em Carnaval. Fonte: Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Franciele Oliveira (2016, p. 113).

Recreio da Mocidade

Fundadores

Em 1927, a diretoria da Sociedade Recreio da Mocidade era formada por: José Francisco do Nascimento (presidente honorário), Juvenal do Nascimento (presidente de mesa), Octavio da Silva Goulart (presidente do bloco), Waldomiro Paz (vice-presidente), Waldemar Machado (1º secretário), Deoclecio Vidal (2º secretário), Esmeraldino Nascimento (1º tesoureiro), José de Oliveira (2º tesoureiro), Gonçalves Amarante (1º diretor), Octavio Martins (2º diretor), Marcos Pereira Magalhães (diretor do bloco), Osvaldo Pinto de Oliveira (1º procurador), Waldemar Nascimento (2º procurador), Gonçalves Bueno (1º orador), Adão Melchides da Silva (2º orador), Julio Ferreira (1º fiscal) e Mario Pereira Magalhães (2º fiscal). A Diretoria de Moças era formada por: Georgina Paz (presidente de mesa), Albertina Souza (presidente do bloco), Edelmira do Nascimento (vice-presidente), Maria Magdalena (1ª secretária), Francisca Salles (1ª oradora), Osvaldina Silva (1ª fiscal), Antonia Joanna Machado (2ª fiscal) e Cecilia Goulart (diretora).

Innocência Maria Joaquina e José Francisco do Nascimento, Zilda Brum, Esmeraldino Nascimento e neta e Waldemar Nascimento (da esquerda para direita). Fonte: Acervo particular de Rossy Nascimento. Franciele Rocha de Oliveira (2017, p. 352-353).

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade Recreio da Mocidade, as quais datam de 1925, em ocasião do carnaval daquele ano. Na imprensa suas membras foram descritas como "graciosas meninas da cor do jambo umas e outras de finissimo azeviche". Designada como uma das mais antigas sociedades carnavalescas teve sua diretoria informada pelo jornal *Correio da Serra*, em 04 de março de 1927. Segundo Antônio Isaia (1999), Recreio da Mocidade era ligada a Sociedade Treze de Maio.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede, mas fontes indicam que era ligada à Sociedade Treze de Maio e realizava festas na sede desta.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade e seus membros encontram-se em Ênio Grigio (2016; 2018), Franciele Oliveira (2017) e Antônio Isaia (1999).

Fonte: Jornal *Correio da Serra* (3/2/1925; 11/2/1925; 13/2/1925; 26/2/1925; 9/2/1926; 18/2/1926; 27/2/1927; 3/3/1927 e 4/3/1927). Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.

Fonte: Jornal *Correio da Serra*. 04 de março de 1927. Ano X, n. 2387, p. 04. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.

Recreio da Mocidade

A diretoria da Sociedade Carnavalesca Recreio da Mocidade, que tanto se tem esforçado pelo brilhantismo do presente Carnaval, está assim constituída: — Presidente honorário, José Francisco do Nascimento; presidente de Mesa, Juvenal do Nascimento; presidente do Bloco, Octavio da Silva Goulart; vice presidente, Waldomiro Paz; 1º secretário, Waldemar Machado; 2º dió, Deoclecio Vidal; 1º thezoureiro, Esmeraldino Nascimento; 2º thezoureiro, José de Oliveira; 1º director, Gonçalves Amarante; 2º director, Octavio Martins; director do Bloco, Marcos Pereira Magalhães; 1º procurador, Osvaldo Pinto de Oliveira; 2º procurador, Waldemar Nascimento; 1º orador, Gonçalves Bueno; 2º orador, Adão Melchides da Silva; 1º fiscal, Julio Ferreira; 2º fiscal, Mario Pereira Magalhães.

Directoria de Moças. — Presidente de Mesa, Georgina Paz; presidente do Bloco, Albertina Souza; vice presidente, Edelmira do Nascimento; 1º secretária, Maria Magdalena; 1º oradora, Francisca Salles; 1º fiscal Osvaldina Silva; 2º fiscal, Antonia Joanna Machado e directora, Cecilia Goulart.



Os Cardeais

S. C. OS CARDEAIS

Conforme chegou ao nosso conhecimento, por intermédio de um dos membros dessa digna sociedade, ficou assim constituída a nova diretoria para o corrente anno.

Diretoria masculina:

Presidente, sr. João B. Ferreira; vice-presidente, sr. Adolpho Pujol; 1º secretário, sr. José M. Filho; 2º dito, sr. João C. de Campos; 1º tesoureiro, sr. Izartacio Rodrigues; 2º dito, Candido da Costa; orador, sr. João P. Flores.

Diretores: Nicanor I. dos Santos, Antonio Costa e Waldemar de Mello.

Conselho Fiscal: Waldomiro Paz, Teophilo Diehl e Arlindo M. de Oliveira.

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade Os Cardeais que datam de 1925, também chamada pela imprensa como cordão "Pequenos Cardeais" ou "Bloco dos Cardeaesinhos". Designada como uma Sociedade Carnavalesca, teve sua diretoria informada pelo Jornal *O Succo*, em 15 de março de 1932, órgão da imprensa negra de Santa Maria.

Local

A Sociedade Carnavalesca Os Cardeais localizava-se na Rua Conde de Porto Alegre, nº 46. Mas também realizou bailes no "Recreio Familiar", de acordo com o *Correio da Serra*, de 18 de fevereiro de 1926. Acreditamos que tratava-se do Clube União Familiar, situado na Rua Barão do Triunfo, antiga Vila Operária Brasil, atual Bairro Bonfim.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2016; 2017).

Fontes: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 171, p. 1-2. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014. Jornal *O Succo*. 15 de março de 1932. Anno XI, nº 178, p. 4. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014. Jornal *Correio da Serra* (3/2/1925; 11/2/1925; 9/2/1926; 12/2/1926; 18/2/1926). Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Ênio Grigio.

Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de março de 1932. Anno XI, nº 178, p. 4. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

Fundadores

Em 1926 o presidente era Francisco Domingues. Em 1932, a Diretoria Masculina da Sociedade Carnavalesca Os Cardeais era composta por: João B. Ferreira (presidente), Adolpho Pujol (vice-presidente), José M. Filho (1º secretário), João C. de Campos (2º secretário), Izartacio Rodrigues (1º tesoureiro), Candido da Costa (2º tesoureiro), João P. Flores (orador). Como diretores, teve Nicanor I. dos Santos, Antonio Costa e Waldemar de Mello. O Conselho Fiscal era formado por: Waldomiro Paz, Teophilo Diehl e Arlindo M. de Oliveira. Sua Diretoria feminina era formada por: Alzira Silva (presidenta), Noemia Paz (vice-presidenta) e Ana Costa (secretária). Tinha como diretoras: Maria das D. Baunilha, Docelina Pires e Leopoldina Rodrigues.



Foto de Nicanor Ignacio dos Santos (acima), matriculado no Livro de Matrículas de Boleeiros, Chauffeurs e Carroceiros. Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 82, Tomo 495; Caixa 83, Tomo 499. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, encontrado por Ênio Grigio.

Thesouras

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade Thesouras que datam de 1932. Esta Sociedade teve um de seus bailes comentados pelo jornal *O Succo*, em 15 de maio de 1932, órgão da imprensa negra de Santa Maria.

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fundadores

Não localizamos o nome de seus fundadores nem de membros de sua diretoria. Foram encontrados apenas nomes de pessoas que participaram de seus bailes, por meio do jornal *O Succo*, como ilustrado abaixo.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2016).

Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014

No baile dos Thesouras

—Que o sr. P. devia respeitar melhor a mulher do seu proximo, não fico nada correcto ele estar atirando beijos a uma senhora.

E depois?... as conseqüencias!...

—Que certas sras estavam muito aspiradas com os rapazes.

Se seus maridos sabem... «pozóia»!

—Que é bonita a cartinha da srta. Celina para o Oscar, aehamos e guardamos, se voce quer...

Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014

União Beneficente União Social

União Social

Realizou-se, ante-ontem, mais um baile burlesco da Sociedade União Social, em sua sede á rua Tuiuti.

As batalhas de lança-perfume e confetis estiveram renhiddissimas.

As dansas decorreram animadas e prolongaram-se até a madrugada de quarta-feira.

O União Social, sábado proximo, fará evoluções pelas principais ruas da cidade, e após se dirigirá para sua sede, onde dará o ultimo baile carnavalesco deste ano, que, por certo se revestirá do maximo brilhantismo.

Para essa noitada, a diretoria do União está envidando dos esforços, afim de que ela não deixe de proporcionar horas agradaveis aos seus inumeros associados.

Fonte: Jornal *A Razão*, 07 de março de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.

Fundação

Localizamos informações sobre a existência da Sociedade União Beneficente, também conhecida como União Social, que datam de 1932. Esta Sociedade foi identificada nas páginas do jornal *O Succo*, em 15 de maio de 1932, órgão da imprensa negra de Santa Maria. Realizava bailes de carnaval em sua sede e desfiles de carnaval de rua.

Fundadores

Em 1932, a Sociedade União Beneficente tinha como Presidente Francisco Domingues, segundo o jornal *O Succo*, de 15 de maio de 1932. Baptista Ferreira também foi um dos idealizadores desta Sociedade, indicado no mesmo jornal. Em 1935, o presidente era o Tenente João Pedro Soares, e o vice-presidente era Francisco Inacio Domingues, de acordo com o jornal *A Razão* de 05 de março de 1935.

Local

A Sociedade União Beneficente ou União Social tinha sede localizada na Rua Tuiuti.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2016).

Fontes: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

Jornal *A Razão*, 05 e 07 de março de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.

Bloco da Juventude

Fundação

Localizamos informações sobre o Bloco da Juventude que datam de 1935 e 1937, em ocasião dos carnavais daqueles anos. Designado como um bloco carnavalesco filiado à Sociedade Recreio da Mocidade, teve suas atividades informadas pelo jornal *A Razão*, em 1935 e 1937. Realizava festas e cortejos de carnaval pelas ruas da cidade e possuía grupo musical, diretores, compositores, foliões e rainhas.

Local

Por ser filiado à Sociedade Recreio da Mocidade, acreditamos que sua sede também tenha sido nas dependências da Sociedade Treze de Maio. De acordo com o jornal *A Razão* de 2 de março de 1935, sua sede ficava na Rua Silva Jardim. Encontramos referências de suas festas sendo realizadas na sede da Sociedade Treze de Maio em 1937.

Fonte: Jornal *A Razão*, 02 de março de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.

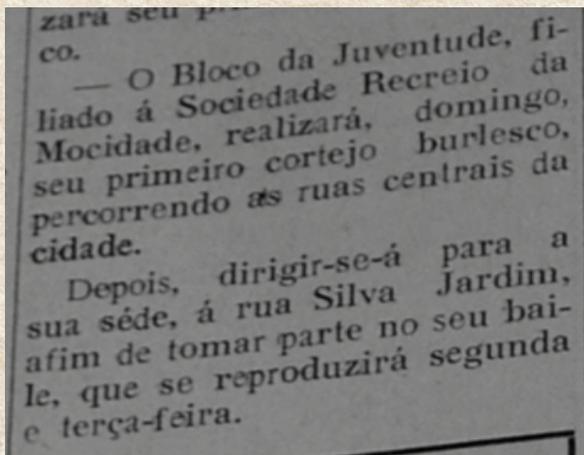
Fundadores

Em 1935, o Tenente Astrogildo batizou o estandarte do bloco, conforme consta no jornal *A Razão* de 07 de março de 1935. Em 1937, Maria Domingues e Noemia Silva eram da Diretoria do Bloco, de acordo com o jornal *A Razão* de 21 de janeiro de 1937. Em 1937, Djalma de Freitas era compositor de sambas e marchas e membro da diretoria, de acordo com o jornal *A Razão* de 23 de janeiro de 1937. Em 1939, a presidente era Iracema Mansi, segundo João Flores (1996).

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em João Flores (1996) e Franciele Rocha de Oliveira (2016).

Fontes: Jornal *A Razão*, 02, 05 e 07 de março de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Jornal *A Razão*, 21, 22, 23 de janeiro de 1937. 09 de fevereiro de 1937. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Encontrado por Franciele Rocha de Oliveira.



Renascença

Local

Não localizamos o endereço de sua sede.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Giane Vargas Escobar (2010).

Fundação

Não localizamos informações sobre a data de fundação do Clube Renascença. Informações sobre a existência deste clube encontram-se em Giane Vargas Escobar (2010, p. 94), tendo sido mencionado por um de seus entrevistados, o Sr. José Antônio Xavier, "Toninho", em seu depoimento na Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio, realizada em 2009, segundo a autora.

Fundadores

Não localizamos informações sobre os participantes nem sobre a diretoria do Clube Renascença.



Elite

Local

De acordo com Giane Vargas Escobar (2017), o Clube Elite tinha sede localizada na Vila Oliveira, local informado pela Sra. Izoete Ribeiro, entrevistada de sua pesquisa.

Fontes e referências

Informações sobre esta sociedade encontram-se em Giane Vargas Escobar (2010; 2017) e João Flores (1996).

Fundação

Não localizamos informações sobre a data de fundação da Sociedade Elite. Informações sobre a existência deste clube encontra-se em Giane Vargas Escobar (2010, p. 94), mencionado por um de seus entrevistados, o Sr. José Antônio Xavier, "Toninho", em seu depoimento na Roda de Lembranças do Museu Treze de Maio, realizada em 2009, segundo a autora. De acordo com Giane Vargas Escobar (2017), o Clube Elite estava em plena atividade em 1975.

Fundadores

Segundo Giane Vargas Escobar (2017), Agenor Alves do Amaral foi idealizador da Sociedade Elite. A informação da autora advém de suas entrevistas realizadas com a filha de Agenor, a Sra. Alcione Flores do Amaral. Além do Sr. Agenor Alves do Amaral, João Flores (1996) menciona os nomes Adão e Leonor ligados ao Elite.

O Rebate

— Brevemente aparecerá nesta localidade, com o fim de combater estultos preconceitos de raça, um semanario critico-litterario, sob o nome de *Rebate*.
Sua direcção será confiada ás reconhecidas competencias dos srs. Arlindo Andrade, Luiz Almeida e Honorio do Prado.
Felicidades almejamos ao futuro paladino de causa tão nobre.

O correspondente.

Fundação

O *Rebate* é considerado o primeiro jornal da imprensa negra de Santa Maria, tendo seu início em 1919. Foi criado com a finalidade de "combater estultos preconceitos de raça", designado como "um semanário critico e literário". Ainda não localizamos nenhum dos seus exemplares, mas sua criação foi noticiada pelo jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, um dos mais importantes jornais da imprensa negra brasileira, em 13 de abril de 1919. Sinaliza-se, portanto, que *O Exemplo* tinha correspondentes em Santa Maria.

Local

Não localizamos o endereço deste jornal.

Fundadores

Em 1919, o jornal *Rebate* tinha como diretores Honório José do Prado, Arlindo Andrade e Luiz Almeida, de acordo com o jornal *O Exemplo*, de 13 de abril de 1919.

Fontes e referências

Informações sobre este jornal encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira (2017) e Franciele Oliveira, Taiane Lima e Guilherme Pedroso (2019).

Fontes: Jornal *O Exemplo*, 13 de abril de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 15, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira.

Fonte: Jornal *O Exemplo*, 13 de abril de 1919. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IV, nº 15, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira.
link: <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/744>

O Succo



Fundação

O jornal *O Succo* teria surgido em 1921, funcionando por pelo menos 14 anos em Santa Maria. Era mais um dos jornais da imprensa negra santamariense. Organizado pela comunidade negra, continha notícias de interesse dessa comunidade, pautando suas agendas, atividades e lutas. Foram localizadas 5 edições do jornal *O Succo*, dos anos de 1924, 1925, 1932 e 1934. A edição de 1934 foi localizada por meio da Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria, realizada pelo GEPA UFSM.

Local

Não localizamos o endereço deste jornal.

Fontes e referências

Informações sobre este jornal encontram-se em Nely Ribeiro (1992), José Antônio dos Santos (2011), Franciele Oliveira (2017), Giane Vargas Escobar (2017), Franciele Oliveira, Taiane Lima e Guilherme Pedroso (2019).

Fontes: *O Succo*. 13 de julho de 1924. Anno III, nº 59. Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/RS. Fotos: Franciele Rocha de Oliveira, em 29/10/2015.

O Succo. 5 de julho de 1925. Anno IV, nº 80. Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/RS. Fotos: Franciele Rocha de Oliveira, em 29/10/2015.

O Succo. 15 de março de 1932. Anno XI, nº 171. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

O Succo. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

A edição de *O Succo* de 1934 encontra-se no Acervo particular do Sr. Máucio Rodrigues.

Fonte: Jornal *O Succo*. 13 de julho de 1924. Anno III, nº 59. Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/RS. Foto: Franciele Rocha de Oliveira, em 29/10/2015.

Fundadores

Em 1924, *O Succo* era constituído por: Vivaldino Ambrozio (redator), Francisco de Assis Elias Marques (gerente). Entre os escritores estavam: ONEOB, CASQUINHA, M., MAGANGAVA e TYWYCO. Em 1925, *O Succo* era formado por redatores diversos e tinha como gerente Francisco de Assis Elias Marques. Em 1928, segundo o jornal *Diário do Interior*, os diretores de *O Succo* eram os Srs. Francisco de Assis Marques e José Nascimento Filho. Em março de 1932, o diretor era Jesuino Medeiros, o redator era Bento Fonseca e o gerente era José do Nascimento Filho. Em 1934, segundo Nely Ribeiro (1992), o jornal tinha redatores diversos, e a gerência era de José do Nascimento Filho e Antão Rodrigues dos Santos.

O Vaqueano

Fundação

Localizamos nota de criação do jornal *O Vaqueano* nas páginas do seu coirmão, o Jornal negro *O Succo*, que data de 15 de maio de 1932. De acordo com a nota, *O Vaqueano* reapareceria naquele ano, levando-nos a pensar que sua fundação pudesse ser ainda mais antiga.

Local

Não localizamos o endereço deste jornal.

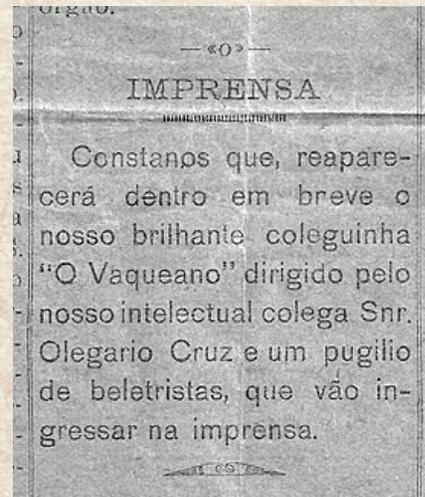
Fundadores

Em 1932, o jornal *O Vaqueano* era dirigido por Olegario Cruz e outros intelectuais.

Fontes e referências

Informações sobre este jornal encontram-se em Franciele Rocha de Oliveira, Taiane Lima e Guilherme Pedroso (2019).

Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.



Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

União

Fundação

Localizamos informações sobre a existência do jornal *União* nas páginas do jornal *O Succo*, também órgão da imprensa negra santamariense. Nossas fontes indicam que o jornal *União* era o porta-voz da Sociedade União Beneficente, também conhecida como União Social, sobre a qual o jornal *O Succo* teceu críticas, em 15 de maio de 1932.

Local

Não identificamos o local de realização do jornal *União*, apesar de sabermos que a Sociedade União Beneficente ou União Social tinha sede localizada na Rua Tuiuti.

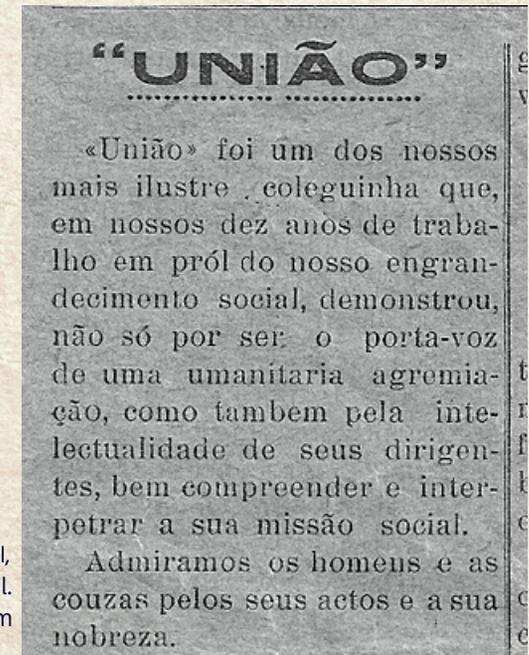
Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

Fundadores

Em 15 de maio de 1932, o Jornal *O Succo* menciona o Sr. Baptista Ferreira como um dos idealizadores da Sociedade União Beneficente, da qual o jornal *União* era porta-voz.

Fontes e referências

Fonte: Jornal *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.



O Tigre

Fundação

Não localizamos informações sobre a data de fundação do jornal *O Tigre*. A existência deste jornal é abordada por Giane Vargas Escobar (2017). Segundo a autora, *O Tigre*, assim como *A Voz do 13*, era um periódico vinculado à Sociedade Treze de Maio. Segundo Escobar (2017, p. 222-223), *O Tigre* havia mudado de nome e se tornado *A Voz do 13*, em virtude do sentido pejorativo que o nome antigo carregava. De acordo com o diretor da época, o Sr. Reci Mauro Alves Tolentino, o jornal mudou de título para ficar com “ar mais social”.

Fundadores

Não encontramos informações específicas acerca dos fundadores do jornal *O Tigre*.

Local

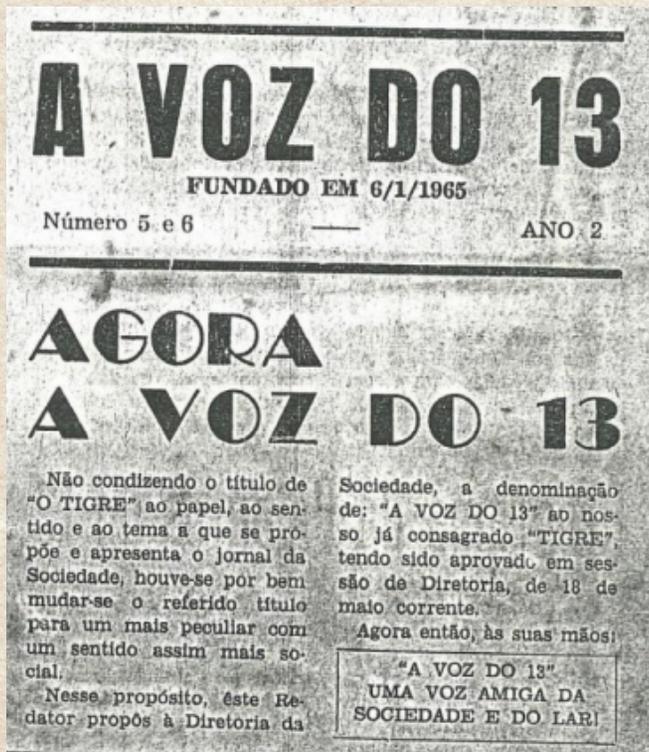
Não identificamos o local de realização do jornal *O Tigre*; entretanto, de acordo com Giane Vargas Escobar (2017), este jornal era vinculado à Sociedade Treze de Maio.

Fontes e referências

Informações sobre este jornal encontram-se em Giane Vargas Escobar (2017) e Franciele Rocha de Oliveira, Taiane Lima e Guilherme Pedroso (2019).



A Voz do 13



Fundação

Como mencionado anteriormente, *A Voz do 13* era o antigo jornal *O Tigre*, e foi fundado em 06 de janeiro de 1965. Sua história é abordada por Giane Vargas Escobar (2017). Como mostra a autora, a partir da edição de maio-junho de 1966, em relação ao conteúdo do periódico, *A Voz do 13* "tinha como escopo (...) publicitar fatos sociais e culturais, romance, esporte e um mundo de bela leitura para a sociedade e o lar" (ESCOBAR, 2017, p. 224). A autora explica que o jornal tinha edições mensais de 800 exemplares e contava com o apoio publicitário de algumas lojas existentes na cidade no período em questão.

Fonte: Giane Vargas Escobar (2017, p. 223). Jornal *A Voz do 13*, edição número 5 e 6, Ano 2. Fundado em 06 de janeiro de 1965. Acervo particular de Alcey Bonifácio dos Santos.

Fundadores

Segundo Giane Vargas Escobar (2017, p. 222), a edição de maio-junho de 1966 revela que o diretor do jornal *A Voz do 13* era Reci Mauro Alves Tolentino.

Local

De acordo com Giane Vargas Escobar (2017), o jornal foi um órgão representativo e de divulgação da Sociedade Treze de Maio, composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Pallotti.

Fontes e referências

Informações sobre este jornal encontram-se em Giane Vargas Escobar (2017) e Franciele Rocha de Oliveira, Taiane Lima e Guilherme Pedroso (2019).



Referências Bibliográficas

DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes (1867-1910), um "líder da raça negra" na capital da República. **Afro-Ásia**. Salvador, Bahia, n.41, p.167-209, 2010. link: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21201/13786>

DOMINGUES, Petrônio. Vai ficar tudo preto: Monteiro Lopes e a cor na política. **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, n. 95, p. 59-81, mar. 2013. link: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000100004>

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010. link: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/10961>

ESCOBAR, Giane Vargas. **"Para encher os olhos"**: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal A Razão (1960-1980). Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017. link: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11634>

FLORES, João Caçapuz. **Vila Brasil, uma glória, uma história**. Santa Maria: [s.n.], 1996.

GRIGIO, Ênio. **"No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse"**: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2016.
link: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5765>



Referências Bibliográficas

GRIGIO, Ênio. **“No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”**: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2018.

ISAIA, Antônio. Um pouco da história do bairro Rosário. **A Razão**, 19 de janeiro de 1999. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Caderno Bairros, p.02.

MATTOS, Hebe; RIOS, Ana M. Lugão. O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004. link: <https://doi.org/10.1590/2237-101X005008005>

MEDEIROS, Elisabeth Weber. **A instrução pública em Santa Maria da Boca do Monte no século XIX: história e memória 1838 a 1889**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2017.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **“Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar”**: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-Abolição. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **Dos laços entre José e Innocência**: trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017. link: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13470>

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. Trabalhadores negros criam União Familiar: notas sobre o mais antigo clube social negro de Santa Maria. **Anais... X Jornadas Regionais do GT Mundos do Trabalho ANPUH/RS**. 2019. Santa Maria/RS.



Referências Bibliográficas

OLIVEIRA, Franciele Rocha de; LIMA, Taiane Anhanha; PEDROSO, Guilherme. A “fim de combater estultos preconceitos de raça” nasce a imprensa negra em Santa Maria, em 1919: levantamento dos jornais, a partir da campanha de preservação dos jornais da imprensa negra. **Anais...** 9º ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL. 2019, Florianópolis/SC.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Por que falar em liberdade em tempos de crise?**. 2020. Palestra realizada no modo *live* do *Instagram*, em 12 de maio de 2020. link: <https://www.instagram.com/tv/CAHEPm5J9Nm/>

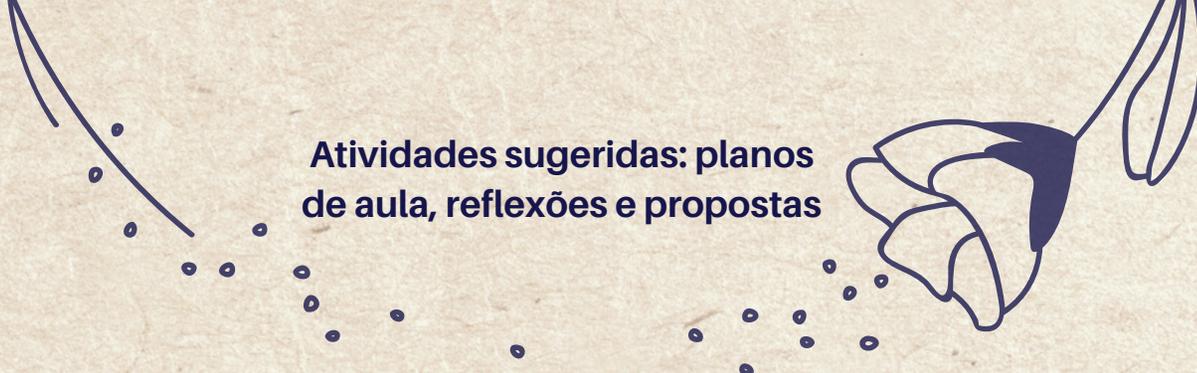
PIRES, Cherlise Alves. **"E até sábado..."**: uma análise das crônicas de Lupicínio Rodrigues. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2015. link: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6117>

RIBEIRO, Jonatas Roque. **Associativismo negro em Minas Gerais**. 2020. Palestra realizada no modo *live* do *Instagram*, em 13 de maio de 2020. link: <https://www.instagram.com/p/CAa81cKLVvI/>

RIBEIRO, Nely. **Jornais gráficos RS 1827-1900**: o jornal em Santa Maria 1883-1992. Santa Maria: Imprensa Universitária/UFSM, 1992.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História**: trajetórias intelectuais na imprensa negra Meridional. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. link: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3805>

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.



Atividades sugeridas: planos de aula, reflexões e propostas

Nesta segunda parte do livro, convidamos professores(as) e graduandos(as) do curso de História Licenciatura da UFSM, membros do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição, para elaborar planos de aula, reflexões e propostas pedagógicas, tendo como tema principal o pós-Abolição e as organizações negras já apresentadas.

1.1 SANTA MARIA NO PÓS-ABOLIÇÃO.

Prof.^a Helen da Silva Silveira.

Tema: Brasil Contemporâneo.

Série: 9º ano do Ensino Fundamental ou 3º ano do Ensino Médio.

Objetivo geral: Tratar sobre a rede associativa de Santa Maria e trabalhar a Lei 10.639/2003.

Objetivo específico: Entender quais eram os diversos formatos organizativos existentes na cidade e quais eram as atividades desenvolvidas, bem como compreender as relações mantidas entre essas organizações e entre seus participantes. O intuito desta aula é pensar o Brasil Contemporâneo a partir de baixo e de uma realidade social próxima dos alunos, compreendendo que história do Brasil é mais próxima de nós do que costumamos pensar, haja vista que, na cidade e no estado, houve escravidão, pós-Abolição e resistência organizada e coletiva por parte da população negra. Busca-se, portanto, compreender melhor quem eram os sujeitos históricos envolvidos nessas entidades.

Conteúdos: Geografia da cidade e sua relação com o pós-Abolição • Espaços de sociabilidade negra e seus vários formatos • Sujeitos históricos que se organizavam nesses espaços • Lei 10.639/2003.

Duração: Duas aulas de uma hora na rede estadual de ensino; duas aulas de cinquenta minutos na rede municipal.

Recursos: Quadro de giz, material de apoio ao professor (impresso), folhas de ofício, canetas coloridas, cola, mapa da cidade e mapa do GEPA (Mapa das Organizações Negras de Santa Maria, p.14 deste livro).

Metodologia: Com o uso do quadro e giz, explicar aos alunos o contexto do pós-Abolição na cidade de Santa Maria, trabalhando conceitos como rede associativa, imprensa negra, clubes sociais negros, racialização, teorias raciais e pós-Abolição. Com o uso do mapa da cidade, explicar como ela era organizada – espacialmente a área urbana, onde a população pobre ocupava vilas operárias que, em geral, ficavam nos arredores da cidade. Em seguida, sobrepor o mapa criado pelo GEPA para explicar que, naqueles locais, também se concentravam organizações sociais criadas e mantidas pela população negra da cidade, as quais foram invisibilizadas com o passar do tempo, em favor de outros personagens. É importante salientar aos alunos que as pessoas que organizavam esses espaços eram trabalhadores negros com diferentes trajetórias, podendo ser africanos, nascidos no Brasil, pessoas que viveram ou não o cativeiro em Santa Maria ou que migraram para a cidade após o 13 de maio.

Atividade: A turma deverá ser dividida em grupo de até 5 pessoas. Cada grupo deverá escolher um jornal da imprensa negra local para compor a redação de um jornal, que deverá conter, no mínimo, um correspondente no interior do estado. Os alunos deverão montar uma edição do jornal, apresentando informações trazidas pelo correspondente sobre, no mínimo, 5 outras organizações negras (4 da cidade e 1 do estado). As informações devem ser voltadas para atividades desenvolvidas naquela semana ou quinzena, como eleição de novas diretorias, ações beneficentes, aniversário ou fundação. Além disso, a edição deverá conter notícias sobre outros aspectos da vida da população negra da cidade ou do estado, como moradia, mercado de trabalho ou família. O jornal deverá ter, no máximo, 4 páginas; na capa, precisa constar o nome do jornal, a localização e os nomes dos redatores.

Avaliação: Além da atenção e da participação em aula, será avaliado se a atividade solicitada foi realizada com o devido empenho. O grupo deverá apresentar seu jornal para a turma, e a professora deverá verificar se o material contém todos os itens pedidos.

Referências bibliográficas:

MATTOS, Hebe; RIOS, Ana M. Lugão. O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

1.2 RASTROS DE ORGANIZAÇÕES NEGRAS EM SANTA MARIA.

Prof.^a Nara Medianeira Ilha Rodrigues.

Tema: Brasil Contemporâneo.

Série: 9º ano do Ensino Fundamental ou 3º ano do Ensino Médio

Objetivo geral: Trabalhar Organizações Negras em Santa Maria e sua importância no pós-Abolição.

Objetivo específico: Refletir sobre o contexto em que essas organizações negras foram criadas na cidade; Pensar essas organizações negras como espaços de denúncia e enfrentamento ao racismo, presente na sociedade em todas as esferas da vida; Trazer à tona histórias ocultas ou esquecidas do povo negro, trabalhando na construção de memórias desses sujeitos históricos.

Conteúdos: Geografia da cidade e sua relação com o pós-Abolição • Espaços de sociabilidade negra e seus vários formatos • Sujeitos históricos que se organizavam nesses espaços • Lei 10.639/2003.

Duração: 4 horas.

Recursos: *PowerPoint*, textos, imagens impressas, mapa, livros, cartazes, tesoura e cola.

Metodologia: A atividade será realizada em sala de aula, em círculo, com uso do *PowerPoint*. Haverá apresentação do mapa, com apontamento das organizações negras na cidade de Santa Maria, abordando a localização, a data de fundação, os fundadores e o local da fundação. Será utilizado o mapa com a localização das organizações presentes neste livro.

Falar das organizações negras, sobre sua importância no pós-Abolição e o contexto em que foram criadas.

Provocar os alunos com perguntas e reflexões, tais como: "Já conheciam essas organizações negras? Se sim, como e onde conheceram? Caso não conheçam, a que atribuem esse desconhecimento?"

Falar da invisibilidade negra na cidade.

Essa atividade também pode ser pensada de modo continuado com educadores da escola, os quais dariam um tempo de pesquisa para os estudantes pesquisarem, em casa e com familiares, essas organizações negras. Os estudantes levariam, para casa, o mapa impresso que pontua essas organizações. A partir desse material, as pessoas poderiam ajudar a localizar esses lugares, já que não se sabe o local de funcionamento de todas as organizações. Dessa forma, os estudantes são incentivados a compartilhar suas descobertas com os colegas, colaborando com uma visão mais ampla sobre o passado e o momento.

Atividade: Os estudantes serão divididos em grupos para a confecção de cartazes sobre alguma organização negra. O professor deverá fornecer o material a ser utilizado: imagens, trechos de entrevistas de pessoas ligadas às organizações negras, documentos como “Acta de fundação”, estatuto, notícias de jornais, pequenos textos, etc. Todo esse material pode ser encontrado na bibliografia apresentada nas referências deste plano de aula.

Depois de confeccionados os cartazes, os estudantes os apresentarão para seus colegas, contando a história da organização estudada. Desse modo, os próprios estudantes estariam colaborando para o não apagamento da memória e da história das organizações negras de Santa Maria, reconhecendo o protagonismo do povo negro em sua história e proporcionando o resgate da história e da memória das organizações negras em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul.

Avaliação: Os alunos poderão ser avaliados em relação ao seu empenho na realização da atividade.

Referências bibliográficas:

GRIGIO, Ênio. **“No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”**: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2018.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **“Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar”**: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-Abolição. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.

2.1 OS SIGNIFICADOS DOS NOMES DAS ORGANIZAÇÕES.

Alicia Quinhones Medeiros.

Visto que o nome dado a algo o designa em certos níveis, vamos refletir sobre os nomes que as organizações negras apresentadas neste livro possuem e quais seus possíveis significados para aquele contexto? Como exemplo de discussão, vamos refletir sobre os nomes das seguintes organizações: Irmandade do Rosário, União Familiar, Sociedade Treze de Maio, Centro Etiópico Monteiro Lopes, *O Rebate*, *A Voz do 13*, etc.

2.2 A MÚSICA NO PÓS-ABOLIÇÃO: OS SIGNIFICADOS DA LIBERDADE E RESISTÊNCIA.

Alícia Quinhones Medeiros.

“Eles querem que alguém
Que vem de onde nóiz vem
Seja mais humilde, baixa a cabeça
Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda”
(Mandume, Emicida)
link: https://youtu.be/mC_vrzqYfQc

“Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola”
(Cota não é esmola, Bia Ferreira)
link: <https://youtu.be/QcQlaoHajoM>

A partir da compreensão política das questões discutidas e trabalhadas por essas organizações negras em Santa Maria/RS e sabendo que a música também tem seu teor político e social, propomos uma atividade a fim relacionar os meios de atuação e objetivos das organizações estudadas com músicas brasileiras, principalmente as produzidos por artistas negros, como as apresentadas acima. A partir disso, buscamos proporcionar um debate sobre as potencialidades de mobilização que as manifestações culturais promovidas pelas organizações tiveram no contexto dos séculos passados, assim como refletir sobre como tais manifestações – como a música, os ranchos carnavalescos, os bailes sociais, entre outras redes de sociabilidades – ainda hoje possibilitam a instrumentalização da comunicação e a denúncia das desigualdades raciais e sociais no contexto brasileiro atual.

Referências bibliográficas:

EMICIDA . Mandume ft. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin. Laboratório Fantasma. Rotina, 2016. 1 vídeo (8 min 47 seg). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: <https://youtu.be/mC_vrzqYfQc>. Acesso em 22 de maio, 2020.

BIA FERREIRA. Cota Não é Esmola | Sofar Curitiba. Cactus Raius Arte & Rock'n'roll, 2018. 1 vídeo (6 min 41 seg). Publicado no canal Sofar Latin America. Disponível em: <<https://youtu.be/QcQlaoHajoM>>. Acesso em 22 de maio, 2020.

2.3 A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA “CENTRO ETIÓPICO MONTEIRO LOPES” E OS SIGNIFICADOS POR TRÁS DA CRIAÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO EM DEFESA DO RECONHECIMENTO DA CANDIDATURA DE MONTEIRO LOPES COMO DEPUTADO FEDERAL, EM SANTA MARIA-RS (1909): UM EXERCÍCIO COLETIVO DE REFLEXÃO.

Prof.^a Gabrielle de Souza Oliveira.

A partir do artigo da historiadora Carolina Vianna Dantas (2010), “Monteiro Lopes (1867-1910), um ‘líder da raça negra’ na capital da República”, conseguimos ter acesso à história de vida do político Monteiro Lopes e aos significados em torno de sua presença, um homem negro, no cenário político do início da República, quando as marcas da mentalidade escravocrata vinculada à pele negra estavam muito presentes (quicá naturalizadas). Segundo a autora, “Manoel da Motta Monteiro Lopes nasceu livre no mês dezembro de 1867” (DANTAS, 2010, p. 170) e mudou-se para a capital da República anos mais tarde, por motivos ainda não bem definidos. No entanto, de acordo com fontes, “é possível saber que exerceu o ofício de advogado na cidade do Rio até 1903 e que, na ocasião das eleições de 1909, os jornais já o identificavam como ‘advogado de irmandades’, ‘defensor dos operários’, ‘líder dos pretos’” (idem, p. 172).

A partir da formação e da trajetória dos filhos da família Monteiro Lopes, pode-se afirmar que tinham um projeto de ascensão social baseado na educação formal e na busca do reconhecimento público, já que, ao que tudo indica, eram pobres. A própria trajetória de Monteiro Lopes é um indicativo disso (Ibid., p. 171).

Parece razoável afirmar, então, que a ascensão social conquistada e a ocupação de importantes espaços políticos entre trabalhadores negros e na política formal por Monteiro Lopes despertaram a recorrência de tais injúrias. Como observou Isabel Lustosa, não importava se um indivíduo negro havia recebido educação formal, conquistado reconhecimento público ou que fosse uma pessoa influente: era considerado, antes de tudo, negro – anátema da inferioridade. E se tivesse alcançado destaque social ou ostentasse pose e orgulho publicamente, também era considerado fora do seu lugar. (Ibid., p. 178).

A partir desses trechos, torna-se evidente que a disputa se dava em torno do fato um homem negro haver se candidatado a deputado federal e vencido as eleições, caracterizando-se, portanto, como um sujeito legitimamente eleito para a Câmara. Ainda assim, houve questionamentos quanto à tomada de posse por parte de Lopes. Pelas críticas da imprensa à figura política de Monteiro Lopes, o problema maior estava no fato de que um homem negro – embora letrado e ocupando um lugar que lhe era de direito pela Constituição – estar ocupando um lugar que não era tido como um lugar de direito a indivíduos negros naquela sociedade do início da República.

Segundo Ana Flávia Magalhães Pinto (2014), o fato de sempre (e apenas) pensarmos na população negra no final do século XIX relacionando-a a episódios de escravidão denota o racismo imbricado à não possibilidade de reconhecimento de que havia de indivíduos negros ocupando espaços de liberdade e espaços de intelectualidade. Percebemos que, no início do século XX, havia a mesma dificuldade por parte da sociedade que constituía a República: o racismo fazia com que a sociedade não aceitasse um político negro legitimamente eleito e intelectual na esfera política.

No entanto, nosso objeto de reflexão aqui é a organização e a mobilização política de sujeitos negros, escravizados e seus descendentes, em prol do reconhecimento político da candidatura e eleição de Monteiro Lopes em 1909 (DANTAS, 2010) e da criação de uma rede de apoio de outros sujeitos negros em torno da figura de Monteiro Lopes.

A mobilização se espalhou entre os negros da região: o Diário do Rio Grande do Sul publicou um telegrama do seu correspondente no Rio, afirmando que a bancada gaúcha e grande parte da Câmara, pressionados pelas entidades e lideranças negras, já estariam a favor do reconhecimento de Monteiro Lopes. Na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, foi fundado outro Centro Etiópico Monteiro Lopes, com a presença de 350 indivíduos negros. A organização homônima de Santa Maria também enviou telegramas aos políticos Pinheiro Machado e a Cassiano do Nascimento, pedindo apoio à causa.

A partir daí teve início uma barulhenta mobilização de entidades formadas por homens negros na cidade do Rio, em Campinas e arredores, em várias cidades do Sul do país, na Bahia e em Pernambuco. Esse movimento resultou em inúmeros telegramas enviados a jornais (e por eles publicados) da grande imprensa e em cartas enviadas a políticos de prestígio, como Rui Barbosa, Pinheiro Machado e Venceslau Brás.

Diante da mobilização, o chefe oligárquico Pinheiro Machado declarou apoio da bancada rio-grandense à diplomação de Monteiro Lopes. Cassiano Ricardo, outro político gaúcho, garantiu que se Monteiro Lopes tivesse obtido “o número legal de votos” podia “desde já, considerar-se reconhecido pela Câmara” (Ibid., p. 188).

Em relação à mobilização dos negros do Rio Grande do Sul em torno de Monteiro Lopes, o jornalista fez questão de informar a seus leitores que “[...] não se tratava apenas de gente sem posição social definida, mas de cidadãos possuindo elementos de uma séria resistência, **intelectuais a par de seus irmãos** de classes menos abastados ou mesmo pobres [...]” (Ibid., p. 200, grifo nosso).

Por fim, ainda segundo Carolina Dantas (2010),

...a intenção, portanto, era denunciar e combater o suposto plano de exclusão e expor publicamente a discriminação racial a que estaria sendo submetido o “líder dos negros” [Monteiro Lopes] e, por extensão, o “meio negro”, como veremos. A estratégia utilizada foi mobilizar indivíduos negros por todo o Brasil, através da ocupação de espaços públicos por meio de manifestos, telegramas, imprensa, comícios, reuniões e visitas a políticos e celebrações cívicas (Ibid., p. 186).

Nesse sentido, depois de nos situarmos sobre a trajetória de Monteiro Lopes e as circunstâncias históricas que levaram ao surgimento do “Centro Etiópico Monteiro Lopes”, em Santa Maria-RS em 1909, e sobre essa rede de apoio negra ao político por todo o país, levemos esta discussão para além do recorte histórico da Primeira República. Pensemos um pouco acerca da presença negra no âmbito da intelectualidade e da política atualmente, dois espaços que, durante muito tempo, foram negados a indivíduos negros, a exemplo de Monteiro Lopes nos faz perceber.

Sendo assim, propõe-se o seguinte exercício coletivo de reflexão:

1. Quando falamos em intelectuais e políticos, qual imagem nos vêm à cabeça?
2. Vamos pensar agora alguns exemplos de nomes de políticos.
3. Entre essas imagens e nomes pensados, quantas são mulheres? Quantas são mulheres negras? E quantos são homens negros?
4. Será que a ideia de que intelectualidade e política se constituem enquanto lugares ocupados apenas por homens brancos é tão do passado assim?
5. Agora, pensemos em algumas personalidades importantes não-brancas nos campos da política e da intelectualidade, tanto em âmbito nacional quanto internacional.
6. Tivemos dificuldades de nos lembrarmos dessas personalidades? O que essa dificuldade nos mostra? Será que essas pessoas não estão disputando esses espaços ou será que se trata, em grande maioria, de um desconhecimento promovido pelo racismo e pela não preocupação em reivindicar paridade racial e de gênero entre as pessoas que nos representam (políticos) ou que adotamos como referências em nossos estudos (intelectuais)?
7. Pensemos, coletivamente, em formas de superar nosso desconhecimento.

Sugestões de personalidades que podem ser apresentadas: Djamila Ribeiro; Sonia Guajajara; Carolina Maria de Jesus; Barack Obama; Angela Davis; bell hooks; Marielle Franco; Nelson Mandela; Martin Luther King; Malcolm X, etc.

Referências bibliográficas:

DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes (1867-1910), um "líder da raça negra" na capital da República. **Afro-Ásia**. Salvador, Bahia, n.41, p.167-209, 2010.

3.1 AS ORGANIZAÇÕES NEGRAS DE SANTA MARIA NA ATUALIDADE.

Alícia Quinhones Medeiros.

As lutas negras diárias no pós-Abolição puderam ser visualizadas neste livro a partir das histórias que organizações negras protagonizaram em Santa Maria nos séculos XIX e XX. Uma vez que algumas dessas organizações surgiram "a fim de combater os estultos de preconceitos de raça" (OLIVEIRA; LIMA; PEDROSO, 2019), convidamos os(as) leitores(as) a refletirem sobre a existência de organizações negras da atualidade em Santa Maria, como espaços de convivência social que visem ao fim dos preconceitos raciais, à ajuda mútua, à afirmação da identidade negra, entre outras múltiplas finalidades. Durante a pesquisa, faça um texto explicando a história da organização em estudo, citando sua localização, as pessoas que dela fazem parte, os objetivos enquanto movimento, entre outras características pertinentes. Após isso, em módulo de apresentações, apresente aos colegas os resultados de sua pesquisa a fim de estabelecer uma troca de conhecimentos sobre as organizações negras santamarienses.

3.2 CAMINHANDO PELAS RUAS DO ROSÁRIO

Guilherme Vargas Pedroso.

Levando em consideração um passado de 300 anos de escravidão no Brasil, que impactou e impacta diretamente as vivências, as relações sociais e de trabalho; considerando que o Brasil conta, majoritariamente, com uma população negra, embora ela ocupe, timidamente, espaços de poder e que

ocupar esses espaços é resultado de muita luta; e constatando que, apesar de toda a perseguição e todo o histórico de falta de oportunidades que se estende para além da Abolição, resiste um discurso do senso comum que dá espaço para o mito da “democracia racial”, pensamos e propomos o desenvolvimento de uma atividade que ajude na construção de uma visão crítica sobre os inúmeros elementos que compõem a manutenção de estruturas político-sociais-econômicas racistas que, historicamente, marginalizam a população negra deste país.

Propõe-se uma reflexão sobre espaços e sujeitos históricos que lutaram e resistiram a todas formas de preconceitos e hierarquizações que havia sobre a população negra da cidade de Santa Maria.

1. Após a leitura sobre as organizações negras de Santa Maria, os(as) alunos(as) serão levados(as) para um passeio pelas atuais ruas Silva Jardim e Barão do Triunfo, no Bairro Nossa Senhora do Rosário (antiga Vila Rica), local que abrigou (e ainda abriga) diversas das organizações apresentadas no livro. Os três lugares alvo da atividade serão o atual Museu Treze de Maio, a Igreja do Rosário e o antigo clube União Familiar. Nesse percurso, sugere-se que sejam discutidos temas como: Associativismo e Protagonismo Negro no período após a Abolição, com base nas informações contidas neste livro.
2. Depois da visita ao Bairro, a turma fará uma pesquisa (na internet, fazendo perguntas em casa para a família, amigos e vizinhos, etc.) sobre a situação dos lugares que visitaram. Devem ser respondidas questões como: O que funciona atualmente nos prédios? Quem são as pessoas que administram esses lugares? Como você acha que poderíamos resgatar a história desses lugares na atualidade?
3. Agora, em sala de aula, fazendo uso do conhecimento adquirido na leitura do livro, no passeio e na pesquisa sobre a atual situação desses lugares, propõe-se uma roda de conversa sobre o *Apagamento da história dos(as) negros(as) no Brasil*.

Referências bibliográficas:

ESCOBAR, Giane Vargas. **“Para encher os olhos”**: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal A Razão (1960-1980). Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.

GRIGIO, Ênio. **“No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”**: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2018.

GRUNEWALDT, Silvana. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do século XX. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (Orgs.). Nova História de Santa Maria: contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010.

MATTOS, Hebe; RIOS, Ana M. Lugão. O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **“Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar”**: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-Abolição. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.

_____. **Dos laços entre José e Innocência**: trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.

3.3 JÚRI SIMULADO DA IRMANDADE BENEFICENTE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

Jéssica da Silva e Luigi Bertoldo Squio

No dia 21 de dezembro de 1914, iniciou-se um processo judicial entre os irmãos da Irmandade Beneficente Nossa Senhora do Rosário contra o Padre Caetano Pagliuca. O problema era fruto de uma divisão interna dos membros da Irmandade que aconteceu porque o padre, que era pároco de Santa Maria no período, estava tentando centralizar todas as atividades relacionadas ao catolicismo da cidade sob a direção do clero. Além disso, o caráter social e beneficente da Irmandade que atendia, principalmente, a população negra do antigo Bairro Vila Rica de Santa Maria (atual Bairro Rosário) não agradava o clero local.

A Irmandade da Nossa Senhora do Rosário tinha administração civil. Em 1913, Ignácio Martins Garcia era o presidente e José Olegário Pires era o vice; no entanto, nesse mesmo ano, alguns sujeitos do clero já começaram a participar de cargos da Irmandade, como o próprio Pe. Caetano, que era tesoureiro na época. Todo o processo judicial se deu porque o padre rompeu um acordo que tinha feito com Ignácio, segundo o qual a chave da Igreja do Rosário ficaria com o delegado da polícia. Esse conflito chegou à mesa do juiz distrital do período, Walter Jobim, que ouviu testemunhas e decidiu pela restituição da chave à diretoria da Irmandade e condenou o Pe. Caetano.

A partir dessa história, nossa proposta de atividade pedagógica consiste na simulação desse júri de 1914. Sugerimos que a atividade seja realizada em turmas do Ensino Médio, embora também possa ser adaptada para ser trabalhada no Ensino Fundamental.

A ideia é que a turma seja dividida em três grupos: um para representar a diretoria da Irmandade, Ignácio, José e o advogado que os defendeu; outro grupo seria encarregado de defender o Pe. Caetano; e último grupo fica como os(as) jurados(as) do processo, sendo que desse grupo pode-se escolher uma pessoa para ser juiz(a).

Para que o júri aconteça, é necessário que seja realizada uma breve contextualização sobre a Irmandade, sobre o padre e o cenário político e social de Santa Maria no pós-Abolição. Depois disso, com os grupos já divididos, é possível distribuir alguns materiais e algumas fontes da época para que os(as) educandos(as) possam construir seus argumentos. Essa contextualização pode ser feita a partir de materiais e fontes sobre o processo, as quais se encontram na tese de Ênio Grígio (2016).

Para quem não dispõe do tempo necessário para ler toda a tese, recomendamos a leitura dos capítulos 5 e 6, para a contextualização, e do capítulo 8, que narra o processo em questão e no qual podemos encontrar fontes como os testemunhos, a petição inicial da irmandade e a defesa do padre.

A tese pode ser acessada em: <http://www.repositorio.jesuista.org.br/handle/UNISINOS/5765>

Essa atividade abre espaço para debatermos sobre as experiências da população negra no pós-Abolição em Santa Maria, refletirmos sobre seus espaços de sociabilidade e religiosidade, além das dificuldades encontradas por essa população. Além disso, ela coloca o foco da produção de conhecimento histórico na reflexão que os(as) educandos(as) realizam, no debate que faz com seus colegas e na síntese que organizam. Ao mesmo tempo, a atividade permite uma reflexão sobre o apagamento da história da Irmandade Nossa Senhora do Rosário e sua origem na população de escravizados, libertos e descendentes na história de Santa Maria. Um exemplo de atividade semelhante está registrado no projeto “Detetives do Passado”, das professoras Anita de Almeida e Keila Grinberg, ambas do Departamento de História da UNIRIO. Tal projeto está disponível *online* em: <http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado/>.

Referências bibliográficas:

GRIGIO, Ênio. **“No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”**: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2016.

3.4 CONSTRUÇÃO DE UM BLOCO DE CARNAVAL.

Jéssica da Silva e Luigi Bertoldo Squio

Sabemos que muitas das organizações negras tinham seus diferentes tipos de atividades. Em muitas delas, os blocos de carnaval estavam presentes, de modo que elas praticavam festividades, como bailes, blocos e até escolas de samba. No caso de Santa Maria do pós-Abolição, temos alguns exemplos de sociedades carnavalescas: Sociedade Carnavalesca 77777, Sociedade Carnavalesca Rancho O Succo, Recreio da Mocidade, Os Cardeais, União Beneficente (União Social) e Bloco da Juventude.

Nossa proposta consiste na organização, por parte dos alunos e alunas em conjunto com o(a) professor(a), de um bloco de carnaval como os organizados pelas organizações negras de Santa Maria. Para a realização do bloco de carnaval, é necessária a produção um estandarte e a confecção de adereços para os alunos. Alguns exemplos de materiais que podem ser utilizados são: TNT, papelão, glitter, retalhos, cartolina, EVA e muitos outros materiais que o(a) professor(a) pode encontrar. Como inspiração para os adereços, recomendamos mostrar aos alunos e alunas a fotografia da S.C Rancho O Succo, apresentada neste material. Depois da confecção do estandarte e adereços, é organizado um espaço na sala (ou no pátio da escola) para a realização do bloco, de forma que os(as) alunos(as) possam dançar ao som de marchinhas de carnaval, sambas e demais músicas escolhidas pelo(a) professor(a).

Essa atividade abre espaço para pensarmos sobre a representatividade do carnaval no pós-Abolição e sua valorização como resistência do povo negro com suas comemorações. Os blocos nos trazem a força das irmandades, não só como organizações, mas como espaços para se comemorar a vida.

A presente proposta foi inspirada no projeto denominado “Descida da Júlio” realizado pela professora Marta Nunes, através da Sociedade Cultural e Beneficente União da cidade Santa Cruz, no Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas:

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **“Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar”**: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-Abolição. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.



Posfácio

“Deles nada se consegue saber” foi a expressão utilizada por um memorialista ao citar uma associação negra quando escrevia a história de sua cidade, na região central do Rio Grande do Sul. A participação de negros e negras sempre foi ignorada na escrita da história de muitas cidades e, quando lembrada, poucas linhas lhe eram dedicadas. Mesmo na academia, o tema não despertava o interesse que merecia, pois o meio acadêmico era, muitas vezes, influenciado pela ideia de desorganização dos negros após a Abolição da escravidão e/ou pela estrutura racista da sociedade brasileira. O pouco interesse, o desprezo e o racismo deixaram centenas de organizações da população negra na invisibilidade.

Nas últimas décadas, um campo de estudos dedicado ao pós-Abolição foi se constituindo, hoje já consolidado na academia. O pesquisador ou leitor que fizer uma busca rápida sobre o tema encontrará uma variedade de teses e livros sobre o assunto. Ao vasculhar diferentes arquivos, é perceptível que concepções enraizadas a respeito de ações, organizações e destinos dos homens e das mulheres em tempos de liberdade e de lutas por cidadania plena foram sendo derrubadas. Em Santa Maria, o contexto é o mesmo. Depois de um longo período de silêncio e invisibilidade, vários pesquisadores têm se dedicado a analisar diferentes organizações negras que foram criadas na cidade. A criação e a atuação do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição (GEPA), que reúne jovens pesquisadores ligados à Universidade Federal de Santa Maria e a outras instituições, é um marco importante na construção, no desenvolvimento e na consolidação dessa temática na cidade.

Onde estavam os negros e as negras de Santa Maria? Estavam em todos os lugares, constituindo seus espaços de divertimentos e de sociabilidades, mas também de informação, de educação, de expressão artística, de formação política e de construção de uma consciência social e racial. A cada estudo, a cada trabalho que vai sendo produzido, uma rede interligada de associações negras se revela: irmandades, clubes sociais, jornais, times de futebol, organizações políticas, etc. Essas associações negras produziram diferentes formas de autorreconhecimento, autoafirmação, positivação da cor, da cultura, da origem de seus integrantes e de fortalecimento dos laços étnico-raciais.

Os nomes dizem muito sobre essas associações e seus integrantes. Uma das preocupações dos autores desta obra foi dar nomes aos integrantes dessas organizações negras e destacar, quando possível, suas principais lideranças. Nomes carregados de história e de ancestralidade. Nomes que perpassaram a experiência da escravidão e/ou da liberdade. Muitas dessas lideranças atuavam em diferentes instituições, porque a vida também é feita de muitas dimensões (religiosa, política, social, cultural, etc.). E, para cada uma dessas dimensões, encontraremos sociedades negras. Seus idealizadores devem ser valorizados e reconhecidos definitivamente na história da cidade, pois enfrentaram os desafios de seu tempo e foram protagonistas de suas vidas e das instituições que criaram.

Levar os conhecimentos produzidos nas universidades até os bancos da Educação Básica é um dos grandes desafios da atualidade. Esta obra procura fazer esse exercício ao propor algumas possibilidades pedagógicas a partir das informações e das fontes disponibilizadas. Foram pensadas atividades que envolvem a rede associativa negra em Santa Maria, o significado dos nomes adotados, a importância da música e da representação política. São atividades que contam com roteiros pelas ruas da cidade, constituição de um bloco carnavalesco e até um júri simulado sobre o conflito entre os irmãos do Rosário e o Pe. Caetano Pagliuca. São alguns exemplos que podem ser utilizados pelos educadores para demonstrar que Santa Maria também é negra, indígena, multiétnica e multicultural. Os professores da Educação Básica não ficarão limitados a esses exemplos e saberão explorar este material de diferentes formas, com suas múltiplas possibilidades.

Este livro também é um instrumento que deve ser utilizado no Ensino Superior. Além do fato de demonstrar a multiplicidade de organizações e seus diferentes campos de atuação, é um convite e um desafio, pois é preciso aprofundar o estudo sobre essas organizações negras de Santa Maria. Embora sejam citadas em jornais ou façam parte de trabalhos acadêmicos, são poucas as que possuem estudos específicos (Irmandade do Rosário, Sociedade Treze de Maio e União Familiar). Muita coisa ainda precisa ser feita sobre a temática. A cidade possui arquivos bem organizados, de fácil acesso e que guardam diferentes fontes. Já existe um grupo de pesquisadores (GEPA) que se reúne para estudar, produzir conhecimentos e trabalhar coletivamente. O cenário é favorável! Quem vai aceitar o desafio?

Prof. Dr. Ênio Grigio.



Dos autores

Alícia Quinhones Medeiros: Graduanda do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Educadora do Práxis - Coletivo de Educação Popular. Foi bolsista PIBID História/UFSM.

Ênio Grigio: Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1995), graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2001), Especialização em História do Brasil (2003) e Mestrado em Integração Latino-Americana pela Universidade Federal de Santa Maria (2005). Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Júlio de Castilhos. Autor da Tese "No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse: A comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942)" (2016), premiada pela Lei do Livro da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria e publicada em 2018.

Felipe Farret Brunhauser: Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH UFRGS) e bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Graduado em História Licenciatura Plena e Bacharelado pela Universidade Federal Santa Maria. Foi bolsista de iniciação científica FIPE SENIOR e educador no Pré-Universitário Popular Alternativa. Realizou intercâmbio na Universidad Nacional de La Plata, Argentina (UNLP). Autor do Trabalho de Conclusão de Graduação "Menores populares na Primeira República (Santa Maria 1917-1921)" (2018).

Franciele Rocha de Oliveira: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em História Licenciatura Plena e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Autora do livro "Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar: trajetória e memórias do Clube Negro fundado em Santa Maria, no pós-Abolição" (2016), premiado pela Lei do Livro da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria. Autora da dissertação intitulada "Dos laços entre José e Innocência: trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul" (2017).

Gabrielle de Souza Oliveira: Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria e graduanda em História Bacharelado na mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Foi bolsista CAPES no Programa de Residência Pedagógica História/UFSM e bolsista PIBID História/UFSM. Autora do Trabalho de Conclusão de Graduação "Escola sem partido e escola sem mordaza: o (não) lugar da escola como um espaço de ciência e o conflito entre epistemologias do conhecimento" (2019).

Guilherme Vargas Pedroso: Graduando do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Bolsista iniciação científica CNPq no projeto Hierarquia, trabalho e família no sul do Brasil (século XIX). Foi bolsista PIBID História/UFSM.

Helen da Silva Silveira: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH UFRGS) e bolsista CNPq. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Graduada em História Licenciatura Plena e Bacharelado pela Universidade Federal Santa Maria. Foi bolsista PIBID História/UFSM. Autora do Trabalho de Conclusão de Graduação "Eu négo que aqui só tenha branco: experiências de um clube negro na cidade de Venâncio Aires/RS" (2017).

Jéssica da Silva: Graduanda do curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Educadora no Pré-Universitário Popular Alternativa e membro do Coletivo Negressencia.

Luigi Bertoldo Squio: Graduando do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Educador no Pré-Universitário Popular Alternativa.

Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues: Graduando do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Foi bolsista PIBID História/UFSM.

Maria Rita Py Dutra: Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE UFSM) e autora da tese “Cotistas negros da UFSM e o mundo do trabalho” (2018). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria e autora da dissertação “Rompendo barreiras: relação entre capital cultural e consciência racial” (2012). Especialista em Supervisão Escolar pela Faculdade Palotina de Santa Maria - FAPAS (1986). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1979). Vinculada ao Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação-Povo de Clio e ao GT Negros: discutindo relações étnico-raciais em Santa Maria, vinculado ao Núcleo de Estudos Contemporâneos, do curso de Ciências Sociais/UFSM. Trabalhou como voluntária no Projeto "O Negro e a Educação", na região de abrangência da 8ª CRE. Participou da direção técnica do Museu Treze de Maio como diretora do Núcleo de Ação Cultural Educativa (NACE). Professora aposentada da rede estadual de educação.

Nara Medianeira Ilha Rodrigues: Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria e graduanda em História Bacharelado pela mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Autora do Trabalho de Conclusão de Graduação "O jogador que nomeou ginásio: reflexões sobre a in(visibilidade) negra de Waldemar Rodrigues Martins (Oreco) em Santa Maria/RS" (2019).

Taiane Anhanha Lima: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES. Graduada em História Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA) e do Stadium - Grupo de Estudos de História do Esporte e das Práticas Lúdicas. Foi bolsista CAPES no Programa de Residência Pedagógica História/UFSM e bolsista PIBID História/UFSM. Vencedora, em 2019, do prêmio “40 Melhores” da Jornada Acadêmica Integrada da Universidade Federal de Santa Maria (JAI/UFSM). Autora do Trabalho de Conclusão de Graduação "Torcedoras: representações de mulheres brancas e negras pela imprensa nos campos de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX" (2019).



Email

gepa.ufsm@gmail.com

Facebook

facebook.com/gepaufsm

Instagram

Instagram.com/gepaufsm

[@gepaufsm](https://Instagram.com/gepaufsm)

Twitter

Twitter.com/GepaUfsm

[@GepaUfsm](https://Twitter.com/GepaUfsm)

